

# SUPLEMENTO

Belo Horizonte, Setembro/Octubro de 2019 - Edição nº 1.386





Esta edição do Suplemento Literário de Minas Gerais lembra três das mais importantes figuras das letras nacionais que já não estão entre nós: Libério Neves, entrevistado por Roberto B. de Carvalho, Paulo Francis, visto por Guilhermino Domiciano, e Otto Lara Resende, pela jornalista Maria Lúcia Rangel. Destacamos também a literatura de hoje com a obra de Lino de Albergaria vista por Hugo Almeida, e as recentes publicações de Alciene Ribeiro e Maria do Carmo Brandão.

Os contos de Regis Gonçalves — em que narra o encontro de seu pai ainda criança, Nonota, com o então menino Carlos Drummond de Andrade, Carlito —, Eloésio Paulo e Carlos Herculano dão mostras da variedade de estilos que enriquecem a literatura mineira, com suas abordagens personalíssimas.

Já os poemas vêm da antiguidade, na tradução de Rodrigo Garcia Lopes, do século XIX, por Emily Dickinson vertida por Luciana Mendonça, até aportarem na atualidade do poema de Marcus Vinicius de Freitas.

O desenho da capa é de Antonio Costa Dias.

**Governador do Estado de Minas Gerais** Romeu Zema  
**Vice-governador do Estado de Minas Gerais** Paulo Brant  
**Secretário de Estado de Cultura e Turismo** Leônidas Oliveira  
**Secretário Adjunto de Estado de Cultura e Turismo** Bernardo Silviano Brandão  
**Subsecretário de Estado de Cultura** Fábio Caldeira  
**Superintendente de Bibliotecas, Museus, Arquivo Público e Equipamentos Culturais** Milena Pedrosa  
**Diretora do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas** Alessandra Soraya Gino

#### Suplemento Literário

**Diretor** Jaime Prado Gouvêa  
**Coordenador de Promoção e Articulação Literária** João Pombo Barile  
**Escritório de Design** Gíria Design e Comunicação  
**Design Gráfico e Diagramação** Carolina Lentz - Gíria Design e Comunicação  
**Conselho Editorial** Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza, Carlos Wolney Soares e Fabrício Marques  
**Equipe de Apoio** Rui Coutinho

**Jornalista Responsável**  
**ISSN: 0102-065x**

João Pombo Barile – JP 74894 MG

Textos assinados são de responsabilidade dos autores  
Acesse o Suplemento online: [www.bibliotecapublica.mg.gov.br](http://www.bibliotecapublica.mg.gov.br)

Edição impressa no Governo Romeu Zema, pela Secretaria de Estado de Cultura e Turismo - SECULT

# SUPLEMENTO



Capa: Antônio Costa Dias

CULTURA E  
TURISMO



**MINAS  
GERAIS**

GOVERNO  
DIFERENTE.  
ESTADO  
EFICIENTE.

Suplemento Literário de Minas Gerais  
Praça da Liberdade, 21 – Biblioteca Pública – 3º andar  
CEP: 30140-010 – Belo Horizonte, MG – 31 3269 1143  
[suplemento@cultura.mg.gov.br](mailto:suplemento@cultura.mg.gov.br)

# RECORDAÇÕES DO POETA **LIBÉRIO NEVES**

ENTREVISTA A ROBERTO B. DE CARVALHO

---

**O** poeta Libério Neves, nascido a 29 de abril de 1934, em Buriti Alegre, no sertão goiano, contava pouco mais de 10 anos quando desembarcou em Tupaciguara, no Triângulo Mineiro, para morar com o irmão mais velho e poder, então, continuar os estudos iniciados na terra natal. Uma vez em Minas Gerais, para sempre em Minas Gerais! De Tupaciguara seguiu em direção à vizinha Uberlândia, para fazer o científico, e de lá para a capital, Belo Horizonte, onde cursou Direito, casou-se, teve três filhos e escreveu uma obra extensa, que beira três dezenas de livros publicados ao longo de quase meio século. Não por acaso o também poeta Bueno de Rivera gostava de dizer, em tom de brincadeira, que o amigo Libério era o melhor poeta ‘goiano’ de que se tinha notícia. Além de extensa, sua obra, que inclui poesia e prosa poética, goza de prestígio entre críticos e leitores. Paradoxalmente, no entanto, é pouco conhecida além das fronteiras de Minas Gerais. Seu modo discreto de levar a vida, sem fazer alarde em torno de si e de seus escritos, em parte talvez explique o silêncio em torno de seu nome, como aventou o poeta e crítico Fabrício Marques. “É quase como se ele tivesse feito um trato com a vida: de um lado, fingem não vê-lo; contudo, no seu canto, sabe-se poeta, entre grandes, mas não espalha a notícia pra ninguém”, escreveu Fabrício na introdução da antologia que acolhe o melhor da poesia do autor: *Papel passado*, publicada pela editora UFMG em 2013. Admirador desde a infância de poetas como Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia, Libério guiava-se, quando começou a escrever, por uma poesia de feição parnasiana. Foi na Faculdade de Direito da UFMG que o colega Pierre Santos o desafiou a direcionar seu talento para uma poesia condizente com os tempos que corriam – e emprestou-lhe obras de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto. Pouco tempo depois se surpreenderia ao ler os originais do livro *Pedra solidão*, que Libério lhe confiou. “Essa poesia, sim, está sintonizada com o que há de melhor em nossa época”, elogiou Pierre. Em 1964 o livro receberia o prêmio de poesia Cidade de Belo Horizonte, concedido pela prefeitura da capital. Era dada então a largada rumo a uma carreira que foi se tornando cada mais vez mais sólida, sempre inspirada pela imaginação criadora do mestre João Cabral de Melo Neto. “Quando comecei a ler o grande poeta de Pernambuco, quase me desmanchei em êxtase diante daquela poesia seca, econômica, despojada”, costumava dizer Libério a quem indaga sobre os autores que mais o teriam influenciado. “João Cabral foi para mim uma referência incontestável.”

*Antônio Libério Neves, o poeta maior Libério Neves,  
faleceu em Belo Horizonte no dia 11 de agosto de 2019, aos 85 anos de idade.*

**Antes de falar do poeta Libério Neves e sua obra, queria que você falasse do homem por trás do poeta, sua história, do goiano meio mineiro que você é.**

Certa vez o poeta Bueno de Rivera [Odorico Bueno de Rivera Filho, 1911-1982], com quem trabalhei, me disse uma coisa engraçada: “Você pode não ser o melhor poeta goiano, nem o melhor poeta mineiro, mas certamente é o melhor poeta ‘goiano’ que existe”. Nunca me esqueci disso (risos...). Ao menos esse privilégio eu tive por ter vindo viver em Minas Gerais. Toda a minha formação intelectual se deu aqui, inclusive a acadêmica. Nasci em Buriti Alegre, Goiás, e lá fiz o curso primário. Na ocasião de minha formatura, um irmão mais velho, por parte de pai, que morava em Tupaciguara, no Triângulo Mineiro, foi me visitar em Buriti Alegre (eu havia mandado um convite para ele) e viu meu diploma na parede com a anotação ‘Grau 10, Distinção e Louvor’. Ele já tinha intenção de me levar para estudar fora, já que não havia como eu continuar estudando em Buriti. Mas aquelas informações no diploma o entusiasmaram definitivamente. Pediu então à minha mãe (segunda esposa do meu pai), autorização para me levar para Tupaciguara. Eu iria estudar lá e morar na casa da avó do meu irmão, mãe da primeira esposa do meu pai. E assim foi. Meu pai vivia viajando pelo sertão afora, levando a vida de que ele gostava, e minha mãe morava na casa da minha avó paterna. Fui então para Tupaciguara e lá fiquei quatro anos. Depois fui para Uberlândia fazer o curso científico, tudo por custeio do meu irmão. Concluído o científico, em 1952 vim para Belo Horizonte. Naquela época, o então deputado estadual Oswaldo Pieruccetti [1909-1990], influente na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, esteve em campanha política em Tupaciguara, e minha avó (àquela altura ela já me considerava como neto) disse a meu irmão, que gostava de política, que queria conhecê-lo. No encontro com Pieruccetti, ela então pediu a ele um emprego para o neto que estudava em Belo Horizonte. Ele disse que ia cuidar disso, que ela teria seu pedido atendido. De fato, consegui um emprego na prefeitura, continuei meus estudos e me formei em Direito na Universidade Federal de Minas Gerais em 1960. Logo depois me casei. Minha noiva tinha apenas 17 anos, e estamos casados há 59 anos. Nosso primeiro filho nasceu com um problema de saúde e viveu apenas até às vésperas de seu primeiro aniversário. Eu já tinha o que a gente poderia chamar de palpitações literárias. Mas, diante da experiência dolorosa que tive, comecei a rever o mundo, a repensar as coisas... Foi por essa ocasião que comecei a levar a sério a ideia de escrever poesia, como uma espécie de vazamento de alívio para a dor que eu estava sentindo. Procurava ler bons poetas e ia me arriscando.

**Que espécie de poesia você fazia quando começou a escrever?**

Minha poesia daquele momento vestia camiseta, camisa, colete, paletó, gravata-borboleta... Tudo! E comecei a mostrar meus poemas para um colega de turma da Faculdade de Direito, Pierre Santos, que tinha muito envolvimento com a vida intelectual e cultural daquele momento e me dava bons conselhos. Certa vez me disse: “Que você é poeta, disso não tenho dúvida, a gente vê nas entrelinhas. Carga poética, expressão,

tudo isso você tem, só que a poesia de hoje não é nada disso que você faz”. E disse também que ia me emprestar alguns livros. E me emprestou obras do Manuel Bandeira, Drummond e João Cabral de Melo Neto. Já havia lido alguma coisa do Drummond, mas fiquei maravilhado com aquele material que o Pierre me passou. Algum tempo depois, escrevi meu primeiro livro, *Pedra solidão*, cujos originais levei para exame do Pierre. Surpreso, disse que era difícil acreditar que aquilo fosse meu, tamanha a guinada que, segundo ele, eu havia dado. “Você abandonou aquela poesia algo parnasiana para fazer um trabalho sintonizado com a vanguarda da época, uma poesia de feitiço concretista.”

**Esse livro lhe rendeu um prêmio, não é?**

*Pedra solidão* me rendeu o prêmio de poesia da prefeitura de Belo Horizonte de 1964 e, no ano seguinte, o livro foi publicado. Essa premiação me encheu de entusiasmo e, dali em diante, comecei a levar a poesia realmente a sério. Recebi o Prêmio Cidade de Belo Horizonte também em 1972 e 1977 com os livros de poesia *Circulação de sangue* e *Força de gravidade em terra de vegetação rasteira*, respectivamente. Em 1969, Oermo recebeu o prêmio de poesia Cláudio Manuel da Costa, da Secretaria de Educação e Cultura de Minas Gerais.

**Por que você escolheu estudar Direito?**

Por achar que esse curso estava mais próximo do aspecto humano da cultura. Estudei na Faculdade de Direito da UFMG, então uma referência no que dizia respeito à formação jurídica no país. E continuei trabalhando na prefeitura de Belo Horizonte. Tentei advogar depois de formado, mas não deu certo. Cheguei a trabalhar com um primo da minha mulher, que era mais experiente, e logo desisti. Percebi que a profissão exigia que se fizessem certas concessões éticas, com o que eu não concordava. Resultado: hoje sou funcionário público aposentado e trabalho, desde a década de 1970, como revisor de textos, graças a um convite que recebi naquela época da Anna Lúcia Campanha Baptista, então editora responsável pelas publicações da editora Interlivros. Desde então tomei gosto pela coisa, pois fazia algo relacionado com meu interesse por literatura. Quando pego um bom trabalho para revisar, penso que estou ganhando mais que dinheiro para trabalhar; estou ganhando coisas como informação e cultura. Felizmente sou reconhecido pelo bom trabalho que sempre procuro fazer. Trabalhei também como revisor de textos na PUC-Minas por nove anos. Então, hoje me considero realizado nesse campo também. Há um poema do Drummond em que ele diz “Já fui fazendeiro/ tive gado/ hoje sou funcionário público”. Parafraseando o poeta, digo: Já fui funcionário público/ não tive gado/ hoje sou aposentado (risos).

**Seu primeiro livro, *Pedra solidão*, tem certa marca concretista, como seu colega Pierre Santos observou. Você pode nos falar dessa experiência?**

Quando comecei a escrever mais profissionalmente, acompanhava o suplemento do jornal *Estado de Minas* editado pelo poeta Affonso Ávila,

que saía aos sábados. O Affonso era um autor rigoroso, sobretudo no que diz respeito à forma. E quanto mais rigoroso na forma, mais próximo se estava do projeto concretista. Lia com interesse os poemas concretistas publicados no suplemento do *Estado de Minas* e procurei fazer experiências naquela linha. Fui então à Redação do *Estado de Minas* decidido a conversar com o Affonso. Timidamente me aproximei dele e lhe mostrei alguns de meus textos. Ele já era um autor consagrado, com livros importantes publicados. Imaginava que fosse guardar aquilo para ler depois, mas me surpreendi com sua atitude de ler àquela hora mesmo, imediatamente, na minha frente. Daí a pouco me olhou e disse: “Já vi que é bom”. Confesso que fiquei surpreso com aquela opinião, que certamente era sincera, uma vez que ele decidiu publicar alguns dos textos que apresentei. Em 1963, participei da Semana Nacional de Poesia de Vanguarda, realizada no campus da UFMG, em Belo Horizonte, tendo à frente de sua organização o Affonso e sua esposa, a também escritora Laís Corrêa de Araújo. Considero que a leitura do suplemento do *Estado de Minas* e o contato com o Affonso exerceram forte influência na elaboração de meu primeiro livro. Mas essa influência ficou restrita a ele. Do meu segundo livro em diante sustentei do Concretismo apenas a linguagem econômica e compacta. Os trabalhos posteriores já mostram meu interesse e minha admiração maior pela poesia do João Cabral de Melo Neto, que considero uma referência essencial para mim. Gostava do Bandeira e Drummond, mas não me entusiasmavam tanto. Só mais tarde, ao reler a obra deles, passei a me interessar mais. Vi, por exemplo, que naquela simplicidade às vezes brincalhona do Bandeira não havia nada de gratuito. O que à primeira vista parece um poema simples, desprezioso, revela um mundo complexo se o lemos com olhos mais atentos.

#### **Que balanço você faz de sua experiência concretista?**

Minha experiência que considero mais radical na linha concretista é o poema ‘Pássaro em vertical’, que integra meu livro *Pedra solidão* e está também na antologia *Papel passado*, publicada pela editora UFMG. Com relação a esse poema, cabe observar um detalhe curioso. Nunca consegui ganhar dinheiro com literatura, mas, do pouco que recebi, ganhei mais dinheiro exclusivamente com esse poema do que com toda a minha produção literária. Isso porque muitas editoras de textos didáticos solicitam autorização para republicá-lo em seus livros. Até recentemente tem havido solicitação nesse sentido. Algumas vezes me chateei com o resultado da publicação, pois a forma, que é de suma importância nesse poema, foi completamente desfigurada. Um espaço a mais ou a menos, ou a inclusão ou omissão de um simples ponto, o compromete de modo cabal.

#### **Você chegou a manter contato com poetas concretistas de outras regiões do país?**

Não. Enviei meus primeiros livros para os irmãos Campos – Haroldo e Augusto, expoentes do Concretismo no Brasil, radicados em São Paulo –, mas eles nunca me mandaram sequer um bilhete, acusando recebimento. Naquela época, era comum os escritores enviarem seus trabalhos a pessoas da área (outros autores, críticos, jornalistas), assim como era comum

Enviei meus primeiros  
livros para os irmãos  
Campos, mas eles nunca me  
mandaram sequer um bilhete,  
acusando recebimento.  
Naquela época, era comum  
os escritores enviarem seus  
trabalhos, assim como era  
comum esse pessoal acusar  
recebimento, agradecer.

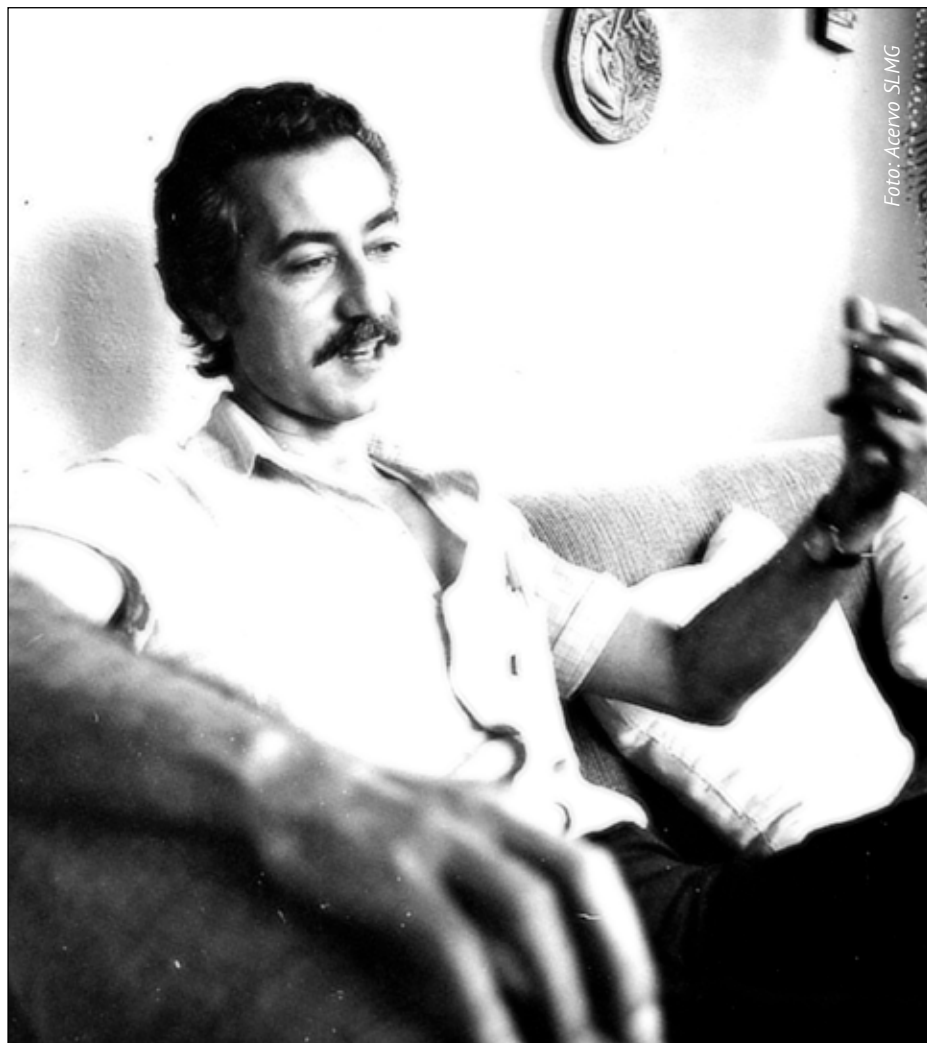
esse pessoal acusar recebimento, agradecer, sem necessariamente encaminhar uma apreciação crítica. Até hoje mantenho o hábito de agradecer os livros que me enviam. Nunca digo que vou ler e fazer comentários, pois posso vir a não fazer isso e não gosto de criar expectativas.

#### **Você teve papel de destaque no Grupo Vereda. Como foi essa experiência?**

No início dos anos 1960, eu e um grupo de poetas que viviam em Belo Horizonte começamos a trabalhar juntos e criamos a revista *Vereda*, que alcançou certo reconhecimento. O nome da publicação acabou se estendendo ao grupo de poetas formado por Henry Corrêa de Araújo, Ubirassu Carneiro da Cunha, Elmo Abreu Rosa e eu. Depois se juntariam a nós o Valdimir Diniz e a Maria do Carmo Ferreira. O objetivo era produzir e divulgar uma poesia identificada com os ideais concretistas, mas que desse atenção também a questões sociais. A revista teve vida efêmera, mas deixou sua marca. Foi uma referência, uma porta que se abriu para os poetas daquela geração.

#### **Quantos livros você publicou?**

Produzi cerca de trinta livros, três dos quais ainda inéditos: *Longe, a terra; Elegiário do vento; Lira madura* [ver o quadro ‘O autor e sua obra’]. A certa altura da minha vida, adquiri gosto de escrever livros de literatura infanto-juvenil. O primeiro, *Que tal nosso quintal?*, saiu pela Interlivros em 1980. Daí em diante comecei a escrever coisas relacionadas com a infância e escrevi muitas obras de prosa poética. Nessa linha, a maioria é poesia para criança, mas que pode agradar o adulto também. Um escritor de Belo Horizonte amigo meu disse certa vez, brincando, que o problema



Libério fala de sua obra e de sua vida.

da minha prosa é que a começo muito bem, mas logo descambo para a poesia (risos). Respondi então que, se a intenção era fazer uma crítica, eu tomava aquilo como elogio. O escritor Fritz Teixeira de Salles, que estava presente, brincou, dizendo que “toda prosa sem poesia é sublitteratura”. Já que estamos falando de meus livros, quero lembrar que nenhum deles foi publicado fora de Belo Horizonte. Dos livros que publiquei, considerando títulos para adultos e infanto-juvenis, dois foram adquiridos pelo Ministério da Educação para distribuí-los em escolas públicas do país. Curiosamente, nenhum de meus livros foi adquirido pelo governo de Minas Gerais ou do município de Belo Horizonte para distribuição em escolas públicas.

**Como foi seu envolvimento com o Suplemento Literário do Minas Gerais, como era o ambiente na época em que você frequentava a Redação?**

– Tudo começa com o Murilo Rubião, que foi o idealizador e criador do Suplemento. Ele era um autor que servia de norte para os jovens escritores que estavam então próximos dele, uma espécie de orientador. Com o Suplemento, lançado em 1966, o Murilo pôs fim à era dominada por uma visão retrógrada, acadêmica, no campo da literatura e da cultura em Minas Gerais. Naturalmente, ele sofreu um bocado com a pressão

dos ‘cartolas’, mas, como era um sujeito competente e respeitado no meio, conseguiu se impor. Ouvi dele certa vez, depois que já tínhamos alguma proximidade: “Você não imagina a pressão que sofro para que se publique isso, aquilo, aquilo outro...”. Até carta do governador chegava até ele, pressionando para que se publicasse trabalho desse ou daquele autor. Ele sustentava e dizia: “Não, isso não será publicado, pois em nada contribui para o progresso da nossa literatura. Publicar isso é andar para trás; aqui é sangue novo, novas experiências”.

**Como se deu sua aproximação com o Murilo?**

Como disse, eu já tinha publicado alguma coisa no suplemento do *Estado de Minas* dirigido pelo Affonso Ávila. Quando soube do suplemento que o Murilo Rubião ia lançar no Minas Gerais, de seu caráter inovador, revolucionário mesmo, procurei-o e mostrei a ele algumas coisas minhas. Ele estava preparando o primeiro número e decidiu incluir um poema de minha autoria. É um orgulho para mim ter um poema publicado já na primeira edição do Suplemento Literário. Assim como tenho orgulho de ter um poema também na sua milésima edição. Tenho orgulho ainda de ser o autor mineiro (considerando minha formação literária) que mais publicou poemas no Suplemento. O Murilo me incentivava a escrever, a criar, e com isso fui me tornando íntimo dele, o que o levou certa vez a me convidar para integrar a comissão de seleção de títulos que viriam a ser publicados pela Imprensa Oficial de Minas Gerais. Ele presidia essa comissão, formada à época por Aires da Mata Machado Filho, Laís Corrêa de Araújo, Odair de Oliveira e por mim. O Murilo distribuía entre os membros da comissão as obras a serem examinadas.

**Que outros autores conviviam com vocês na redação do Suplemento?**

Eu já estava ‘maduro’, já tinha uns trinta e poucos anos, quando comecei a conviver com o Murilo no Suplemento. Do ponto de vista intelectual, essa convivência foi das coisas mais importantes que me aconteceram. Graças a ele, fiz parte da comissão a que me referi e também, mais tarde, da Comissão de Redação do Suplemento, que selecionava trabalhos a serem publicados no jornal. Foi quando conheci os jovens autores que, a convite do Murilo, também selecionavam material para o Suplemento. Desse grupo faziam parte Humberto Werneck, Luiz Vilela, Carlos Roberto Pellegrino, Jaime Prado Gouvêa, Adão Ventura, João Paulo Gonçalves da Costa, Sérgio Sant’Anna, José Márcio Penido, Duílio Gomes, Luís Gonzaga Vieira, entre outros. Posso estar me esquecendo de alguns. O Henry Corrêa de Araújo não chegou a trabalhar lá, mas ia à Redação com frequência. Pude então, durante algum tempo, conviver com essa turma, muito atuante e inteligente, o que me ajudou a não envelhecer espiritualmente. Depois, boa parte desse pessoal deixou Belo Horizonte.

**Você chegou a conviver com o poeta Emílio Moura?**

Sim. Ele frequentava o Suplemento, mas não publicava tanto lá. Deixava o espaço do jornal para a turma mais nova de escritores. O Emílio Moura era grande amigo do Murilo e tinha carta branca na Redação. Ele



o apoiou na criação do Suplemento e o encorajava firmemente no propósito de fazer da publicação uma coisa ‘para frente’ e não um órgão ‘estadista’. Gostaria de lembrar que o Emílio, de modo indireto, teve um papel crucial no meu percurso de poeta. Certa vez me alertou para o fato de que eu estava me deixando influenciar demasiadamente pelo estilo do João Cabral. “Você não precisa seguir ninguém de modo rígido; você pode partir de todos, mas sempre procurando tomar o seu próprio caminho.” Um sábio conselho do Emílio.

**No começo desta entrevista você citou o poeta Bueno de Rivera. Você pode nos falar um pouco dele?**

Acho que não exagero se disser que, ao lado do João Cabral, Bueno de Rivera é um dos expoentes da chamada Geração de 45 na poesia. Tenho dois livros dele anteriores a *Pasto de pedra*, que é, digamos assim, o seu livro mais conhecido, publicado em 1971 pela Imprensa Oficial de Minas Gerais. Estão já bem desgastados, não posso nem manipulá-los muito, mas os guardo como relíquias: *Luz do pântano* e, anterior a ele, *Mundo submerso*, da época em que ele trabalhava em um laboratório químico, com o auxílio de um microscópio. Isso certamente o inspirou a criar *Mundo submerso* [Rio de Janeiro, José Olympio, 1944]. *Luz do pântano*, publicado em 1948, também pela José Olympio, alcançou alguma repercussão logo que saiu. Fora do campo literário, editava o então conhecido e muito consultado Guia Rivera. Cheguei a trabalhar com ele nos anos 1970 na atualização desse manual.

**Que guia era esse?**

Era uma espécie de dicionário de ruas de Belo Horizonte, muito útil por incluir vias mais periféricas da cidade, que demandavam orientação minuciosa para serem alcançadas. Ele editava esse guia, que levava seu sobrenome. De tempos em tempos era preciso atualizá-lo, pois novas ruas surgiam na cidade. Trabalhei durante uns dois anos com ele, ajudando-o a atualizar uma das edições. Mas isso não passou de um ‘bico’, já que eu era funcionário da prefeitura de Belo Horizonte. Às vezes, durante o serviço, o Bueno me olhava e dizia: “Esse serviço tá muito chato, Libério. Vamos fazer uma pausa e falar um pouco de poesia?”. O Bueno (nascido na cidade mineira de Santo Antônio do Monte, onde hoje há uma biblioteca que leva seu nome) era um sujeito muito interessante, muito inteligente. Não chegou a fazer curso superior, era autodidata, e um poeta de grande força. Como tinha uma voz grave, de speaker mesmo, acabou se tornando também locutor de rádio e ficou muito conhecido por seu programa de calouros A hora do pato, da Rádio Mineira.

**Você acompanha a produção de poesia no Brasil atualmente?**

Não, não acompanho. Ou acompanho muito pouco, pois fui me desinteressando. Do pessoal mais jovem, costumo ler alguma coisa daqueles de que estou mais próximo, como o Fabrício Marques e o Ricardo Aleixo.

*Belo Horizonte, maio de 2018*

BIBLIOGRAFIA DE LIBÉRIO NEVES

- *Pedra solidão*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1965.
- *O ermo*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1968.
- *Pequena memória de Terra Funda*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1971.
- *Mil quilômetros redondos*. Belo Horizonte, Interlivros, 1974.
- *Antologia I*. Belo Horizonte, Interlivros, 1975.
- *A solidão dos muros*. Belo Horizonte, Interlivros, 1976.
- *Força de gravidade em terra de vegetação rasteira*. Belo Horizonte, Littera Maciel, 1978.
- *Que tal nosso quintal?*. Belo Horizonte, Interlivros, 1980.
- *Circulação de sangue*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1983.
- *A bicicleta encantada*. Belo Horizonte, Vigília, 1983.
- *Olhos de gude*. Belo Horizonte, Vigília, 1985.
- *Animagens*. Belo Horizonte, Vigília, 1986.
- *Para sonha que vive*. Belo Horizonte, Vigília, 1988.
- *Balão de couro*. Belo Horizonte, Editora RHJ, 1990.
- *Lembrança bate as asas*. Belo Horizonte, Vigília, 1991.
- *Memória dos cães*. Belo Horizonte, Editora RHJ, 1993.
- *Voa, palavra*. Belo Horizonte, Formato Editorial, 1995.
- *As cores mágicas*. Belo Horizonte, Vigília, 1996.
- *Fera no estilingue*. Belo Horizonte, Editorial Formato, 1999.
- *Você vem comigo*. Belo Horizonte, Editora Alis, 1999.
- *O cavalo e a galinha*. Belo Horizonte, Editora Alis, 1999.
- *Coisas do coração*. Belo Horizonte, Editora Miguilim, 2000.
- *Águas*. Belo Horizonte, Editora RHJ, 2000.
- *Peço a palavra*. Belo Horizonte, Editora RHJ, 2004.
- *Mineragem*. Belo Horizonte, Editora Lê, 2006.
- *Papel passado – Antologia poética*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2013.

ROBERTO B. DE CARVALHO

mineiro de Paraisópolis, é jornalista e poeta. Organizador da antologia poética *Taquicardias* (1985) e autor dos livros de poesia *Zoopornô e outros poemas* (1997) e *Planetário de Eros* (1987).

A black and white portrait of Otto Lara Resende, an elderly man with thinning hair, wearing a dark suit, white shirt, and dark tie. He is looking slightly to the right of the camera with a subtle smile. The background is a plain, light-colored wall.

**OTTO  
LARA  
RESENDE**

UM MESTRE DAS PALAVRAS

MARIA LUCIA RANGEL

---



“Ótimo marido, ótimo filho, ótimo pai, ótimo amigo, ótimo profissional, ótimo tudo – que mais dizer dessa no entanto misteriosíssima figura chamada Otto Lara Resende, ou melhor, o agente 001?”

Vinicius de Moraes definiu com perfeição o amigo Otto na crônica "Zero Zero Um", de 1965. O poeta descreve o grande amoroso, “daí o segredo da imantação que exerce sobre seus amigos, que acabam todos escravizados à sua escravidão”.

Sim, Otto era aquela pessoa que exercia seu fascínio através da simplicidade e da sofisticação. E misterioso porque preferia ouvir e falar dos outros.

Pra mim foi muito fácil ficar amiga dele. Tínhamos vários amigos em comum: Rubem Braga, em cuja cobertura de Ipanema o encontrava sempre, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e meu pai, Lucio Rangel. Aliás, herdei todos do meu pai. O Antonio's, o pequeno restaurante no Leblon frequentado por artistas, escritores e jornalistas, era outro lugar onde encontrava Otto. E também nas redações do *Jornal do Brasil* (anos 70) e da TV Globo (anos 80), onde trabalhamos. Otto adorava reunir grupos em sua casa no alto do Jardim Botânico, zona sul do Rio. Doido por uma prosa e magnífico contador de histórias, não resistia à tentação de levar os últimos convidados até o portão, onde protelava a despedida, encantando-os com causos e mais causos por mais umas duas horas. Ninguém arredava pé, pois era impossível resistir à inteligência, ao humor e à verve do anfitrião. Algumas vezes o convidado voltava a entrar para buscar um uísque de tão bom que estava o papo. Nelson Rodrigues chegou a recomendar que Otto andasse na companhia de um taquígrafo que anotasse suas frases para vendê-las, de tão lapidares e espirituosas.

Mas o dia mais festivo e nervoso de Otto sem dúvida foi o 3 de julho de 1979, uma terça-feira de eleição na Academia Brasileira de Letras. Ele concorria. Cheguei cedo em sua casa e encontrei-o mais verborrágico do que nunca (fui a única jornalista com ele até saber que tinha sido eleito). Ele atendia o telefone e depois contava o que cada interlocutor lhe dissera: Fernando Sabino, o pessimista; Hélio Pellegrino, o gozador; Rubem Braga, o catador de votos, e assim

Nelson Rodrigues  
chegou a recomendar  
que Otto andasse  
na companhia de  
um taquígrafo que  
anotasse suas frases  
para vendê-las, de  
tão lapidares e  
espirituosas.

por diante. A mulher, Helena, com a calma habitual, ria e organizava a festa. Otto concorria à cadeira 39 e o resultado seria divulgado no fim da tarde: “Previsões da família” – me disse ele. “Helena e Heleninha (a filha mais moça) acham que eu ganho. Cristiana (a filha mais velha) e o medo dizem que eu perco”.

O telefonema de Pedro Rogério confirmava as previsões de Afonso Arinos:

— Ele afirma que as eleições estão garantidas.

O pessimismo ou o medo de Otto não deixaram escapar: “Afonso Arinos é ruim de voto. A UDN nunca acertou”.

Exatamente às 17h o telefone tocava outra vez. Nelson Rodrigues, em voz soturna, dizia que passara pela Academia Brasileira de Letras e depois de conversar com alguns acadêmicos achava “provável a vitória”:

— Nelson descobriu que Raimundo Magalhães Junior é meu eleitor. Mas achei o seu “provável” muito cético.

A tarde ia correndo devagar e Otto continuava em suas divagações.

— Quero me aposentar logo, virar hippie com uma barba branca comprida. Nem penso em fardão. Sabe, minha vocação seria morar na Motola – rua e bairro onde nasceu em São João Del Rei

– num prédio com banca de jornais na esquina, botequim em baixo, muita briga, meretriz e assalto. Infelizmente, acabei me acostumando com esta vida monacal, com rápidas incursões ao Baixo Leblon.

E continuava. Lembra-se das formalidades por que passam os acadêmicos e conta a história de Aurélio Buarque de Hollanda, que um dia saiu de casa fardado para tomar um táxi. No caminho, o chofer muito espantado olhou pelo retrovisor e perguntou: “Vós sois rei?” E quando Aurélio reclamou da lentidão, desculpou-se: “Se é para o desfile da Portela, pode ficar sossegado porque chegaremos a tempo”.

— O Medeiros de Albuquerque usava o seu fardão para pegar mulher em Paris. O Otávio de Faria deixa o seu na própria Academia. Veste-se sempre lá dentro – diverte-se.

A espera ressuscita velhas histórias. Alguém lembrou as notícias sempre frescas com que brindava os amigos pouco antes da Revolução de 1964. Poucos sabem que sua fonte de informação era um garoto, amigo de seus filhos e parente de um general importante, e que um dia deixou escapar na ingenuidade de seus 11 anos: “Vovô é contra o Jango”:

— Até governador me ligava para saber notícias da minha fonte familiar.

De repente, parece que Otto lembrou-se de que está prestes a entrar para a ABL, e o medo volta. Logo depois de formalizar sua candidatura tentou convencer alguns amigos a tomarem seu lugar. Pedro Nava não quis conversa: “Já estou mais perto de uma vaga do que de uma poltrona”. Rubem foi taxativo: “Não quero quebrar a virgindade do Espírito Santo” e Carlos Drummond de Andrade foi o único a cumprir o documento assinado há anos em que vários escritores comprometiam-se a não entrar para a Academia, entre eles, Marques Rebelo, José Lins do Rego e Álvaro Lins.

— Eu não condeno os que entraram, mas admiro a pertinácia do Drummond. Se eu tivesse assinado este documento também não entraria. Sou como jumento. Quando tomo decisões não volto atrás. Por isso mesmo, tomei uma decisão: nunca tomar decisões.

A ansiedade fazia de Otto o mais perfeito garçom da Zona Sul. Servia uísque, oferecia



cerveja, licores, biscoitos amanteigados, buscava gelo e titubeava ao responder sobre a visita acadêmica mais constrangedora. O resultado ainda não tinha chegado e Otto mostrava-se ainda mais mineiro do que muita gente imaginava.

— Sabe que o Rubem (Braga) é tão petulante que cantou a Rachel de Queiroz hoje? Eu não pedi nada a ninguém. Mas o teórico da minha candidatura, o monstro moral, foi Hélio Pellegrino, meu fraternal amigo de infância. Quando o primeiro acadêmico me telefonou propondo meu nome, recusei imediatamente, mas Hélio foi categórico: “Não seja orgulhoso. Seja humilde. Você chegou numa idade em que a Academia é coisa normal”. E veio com toda aquela psicanálise de galinheiro, dando a maior força. Depois, nunca mais. A não ser para me gozar todos os dias. Hoje já me ligou três vezes. Sou o seu analista. Já Fernando Sabino – outro mineiro e amigo de longos anos – foi sempre de um pessimismo negro. Quase saímos no tapa há uma semana, pois me acusava de faltas que não cometi, achando que eu não lutava para ganhar.

Os quatro mineiros que já vestiam o fardão foram lembrados – Abgar Renault, Mário Palmério, Afonso Arinos e Cyro dos Anjos – este último o que mais empurrou Otto:

— Os quatro estão comigo. Posso dizer porque me autorizaram e até publicaram seu apoio. E isto não é bairrismo. Minas não é mais um Estado bairrista. E eu que fiz tantas reportagens sobre a Academia. Jamais imaginei que passaria de noticiarista a notícia. Estou profundamente decepcionado. Pretendo que esta seja minha última como foi a primeira eleição. Última não no sentido de derradeira, mas de recente.

Quanto a ser candidato da esquerda, Otto tinha dúvidas:

— Se eu passo por subversivo na Academia, ela está atrasada uns 50 anos. Sou apenas um liberal. Fora a questão democrática, fundamental,

tenho horror a arbítrios, atos institucionais e entendo que aceitem a defesa desses atos. Mas por minha garganta não passa nenhum. Prefiro errar por excesso à liberdade. E, de 1964 para cá, ninguém pode se orgulhar das coisas negativas que aconteceram, como o que diz respeito à liberdade de imprensa.

Às 17h10m, a notícia esperada chegou pela voz de Josué Montello: “Otto ganhou!” O telefone não parou mais. “Seu pessimista, você não vem pra cá?” Era Fernando Sabino, que chegou logo a seguir.

— Parece que sou o primeiro – Antonio Houaiss realmente é o primeiro acadêmico a abraçar o colega. Logo a seguir entraram Cyro dos Anjos, Aurélio Buarque de Hollanda que se ajoelhou diante de Otto, e Vianna Moog. O copeiro serviu champanha. Otto foi cercado. Entraram Pedro Calmon e Austregésilo de Athayde. Conselhos começaram a ser dados: “Você não tem prazo para a posse, mas não deve deixar chegar o verão”.

Exatamente três meses depois dessa tarde tão prazerosa, acompanhei Otto à Academia Brasileira de Letras. Era véspera de sua posse e ele iria, com Cyro dos Anjos, experimentar a tribuna. Com a verve de sempre, Otto lembrou-se da crônica “meio cruel” de Manuel Bandeira sobre a posse de Álvaro Lins, onde comentava, entre outras coisas, do perigo da tribuna: se a pessoa não tomar cuidado “pode cair pra trás”.

— E quebrar a base do crânio, os que têm, acrescentou Otto.

O humor estava mais aflorado do que no dia da eleição.

Com a data da posse antecipada por causa de uma viagem de Afonso Arinos de Mello Franco para a Europa, trocou noites de sono escrevendo seu discurso. Passou semanas lendo todos os discursos de posse, além de estudar as obras de seus antecessores.

— Ainda por cima, fiquei dois dias gripadíssimo, sem trabalhar, e tive então uma espécie de possessão, não sei se demoníaca ou acadêmica (será um pleonasma?), passando 16 horas na máquina. Escrevi e não dava pra cortar. Resolvi então fazer um roteiro do discurso, dividindo-o em oito blocos. O primeiro seria sobre Elmano Cardim, jornalista e seu antecessor na ABL. Quando estava na página 16, meu irmão foi visitar-me e pedi que lesse. A resposta não foi animadora: “Uma droga! É discurso para a plateia dormir”.

Quem resolveu dormir foi Otto. Mas, como era habitual, continuava a trabalhar mentalmente durante o sono. Duas horas depois, acordou e rasgou tudo o que havia escrito até então:

— Mas eu sempre fui assim. Para a primeira aula que dei em minha vida, estudei tanto que ela poderia durar dois anos. Outra vez, li 42 livros para uma aula de comunicação. E em Coimbra, onde faria uma conferência, estudei como um louco, sem poder dormir, com três sinos que tocavam intermitentemente, para chegar à universidade e constatar que nada do que tinha escrito servia. Falei de improviso. Mas o improviso na ABL é proibido.

O discurso acabou sendo escrito num dia, das 11 horas da manhã às duas horas da tarde, em cima dos conselhos de Tristão de Athayde (“Senta e escreve como se fosse um artigo”) e de Carlos Drummond de Andrade (“Você não foi eleito para fazer vestibular de História, mas pelo que você é.”) Foram, 10 laudas, “bem singelas”.

Mesmo atrasado para o encontro com Ciro dos Anjos, o ensaio na tribuna, uma entrevista marcada com uma revista, Otto não conseguia deixar de ser um excelente contador de histórias. Se passou 16 horas na máquina de escrever, podia passar muito mais falando. Lembrar histórias era seu forte – e a alegria dos que partilham de sua convivência:

— O Afonso Arinos disputou a vaga da Academia com Guimarães Rosa. Como eu morava na Europa na ocasião, o Rosa me pediu para procurar Manuel Bandeira na Suíça pedindo seu voto. Bandeira escreveu uma carta à mão, com o compromisso de dá-lo, mas fez uma ressalva: “A menos que se candidate, grande também pelo coração, o Afonso Arinos”. Não sabia que o amigo disputava também a vaga, por insistência do Ribeiro Couto. Este avisava sempre ao seu candidato: “Nada de displicência melofrânica”. Eu procedi com displicência, mas plebeia, rezêndica.

Rosa, como os amigos sempre chamaram o romancista, tomou conta do pensamento de Otto. Esqueceu compromisso, horário, para lembrar que, na época da posse do amigo, fazia um programa de televisão. Guimarães Rosa pediu-lhe então que anunciasse a data de sua entrada na Academia de maneira lenta: “Consta que o Embaixador Guimarães Rosa vai tomar posse”. “Deve tomar posse...”, “Pensando em marcar a data da posse...”. Até que Otto indagou o porquê de um roteiro tão complicado para uma notícia que deveria ser direta: “Para driblar a morte. Tenho certeza de que duas coisas marcam: o Prêmio Nobel e a Academia”.

— Perguntei-lhe por que a vontade de se candidatar. Como era embaixador, tinha morado longe do Brasil quase toda a vida, me respondeu que, com a idade, a pessoa se isola, não tem aonde ir. É como um clube que você frequenta, de pessoas amáveis, com alguma afinidade. E, sendo de Cordisburgo, não via

outro conterrâneo com possibilidades de fazer o mesmo. Como negar essa glória à sua cidade?

Otto lembrou que a Academia Brasileira seguia os moldes da Francesa, fundada por Richelieu. O fardão foi imposto por Napoleão para evitar que duques e príncipes fossem até ela ostentando fardas. Por sua vez, o fardão francês segue a linha do uniforme do embaixador, que tem seu protocolo baseado na marinha inglesa. Assim, a roupa tem muito do uniforme de gala dos oficiais:

— Já se tornou anacrônico. Constatei, mesmo, lendo os discursos de posse, que é muito comum falarem mal do fardão. Manuel Bandeira chamou-o de “aurisplendente fardão” e dentro dele não se sentia “no caminho da imortalidade mas como personagem de Rostand”. O poeta só o vestiu no dia de sua posse e quando recebeu Afonso Arinos, seu grande amigo.

A posse estava marcada para as nove horas da noite. Otto iria em seu próprio carro, acompanhado da mulher Helena e da filha Heleninha. Coberto com uma capa que escondia a fantasia:

— Foi a coisa que achei mais bonita. Parece a pelerine de tempo de menino. Ao mesmo tempo tem um pouco de ar de capa de tarado. Uma beleza! Inteira, feita de tecido inglês azul-marinho.

Na porta da Academia encontrou Afonso Arinos e Francisco de Assis Barbosa. O primeiro fez o discurso de recepção (“Pequeno, não chega a 30 minutos”) e o segundo colocou o colar. No grande salão, com as 300 cadeiras já devidamente enfileiradas, Otto foi para a tribuna. Imediatamente começou a discursar: “Ciro dos Anjos...Ciro...surdo! Prefere dar atenção às moças!”. Testando o microfone, ficou sabendo que haveria água gelada ao seu lado, que D. Cléa Pilat Martins, auxiliar de secretaria, estaria a seu lado como sempre esteve em todas as últimas posses, que os amigos estariam presentes

e que Heleninha – disto ele tinha certeza – faria grande sucesso.

Dez anos depois, quando das comemorações dos 150 anos de Machado, em junho de 1989, tive a ideia de usar uma frase do escritor todos os dias no Jornal Nacional. Era então editora de cultura da TV Globo e minha sugestão foi de imediato aprovada pelo machadiano Armando Nogueira, diretor de jornalismo da emissora. “Peça ao Otto para selecionar as frases”, recomendou-me Armando. E assim foi feito. Dois dias depois encontro Otto caminhando pelo corredor e segurando um maço de laudas acima da cabeça. Me entregou 10 folhas datilografadas com “umas dezenas de sentenças (ou frases) tiradas da obra do Machado de Assis”, como escreveu num pequeno bilhete, lembrando também que “há máximas que parecem feitas sob medida para o Joelmir”. Joelmir Beting era o comentarista econômico do jornal.

É preciso ressaltar que Otto me entregou a seleção de frases prontas para ir ao ar: retirou certos apostos (um exemplo é o “como sabes”, da frase nº 8 (“A alma da gente, como sabes, é uma casa disposta...”) e preferiu usar palavras que seriam melhor entendidas num jornal de TV, como câncer, no lugar de cancro, ou românticas, ao invés de romancescas. Como o mestre Machado de Assis, Otto também era jornalista e excelente comunicador.

Saí da TV Globo em 1993, mas guardei a seleção de frases do Otto, sempre pensando um publicá-las. Em 2012 o livro saiu, ano em que Otto completaria 90 anos. 162 frases reunindo o bruxo do Cosme Velho e o bruxo – eu chamaria assim – do Jardim Botânico. Logo no início um brilhante dito machadiano: “Há muitos modos de afirmar; há um só de negar tudo”. Que pode ser cotejado com esta frase de Otto: “Escrevemos, escrevemos, escrevemos. Clamamos no deserto. O clube do Poder tem as portas lacradas e calafetadas”.

## MARIA LUCIA RANGEL

nasceu no Rio de Janeiro. Trabalhou nos jornais *Última Hora*, *Jornal da Tarde*, *Jornal do Brasil*, *Folha de São Paulo* e *O Dia*. Organizou o livro *Machado de Assis por Otto Lara Resende*.

# O GROSSO CALIBRE DOS PERNILONGOS DE HOJE EM DIA

CONTO DE ELOÉSIO PAULO

---

Agora que só existe uma estação do ano, ninguém mais iria duvidar da minha ideia sobre o tamanho dos pernilongos. Mas as pessoas também quase não conversam, de modo que escrevo para falar comigo mesmo e depois não esquecer o que pensei. Essa é uma mania que tenho desde criança – faz muito tempo que não vejo uma, mas aquela que fui não me abandona apesar da distância tão grande no tempo e no espaço. Sobretudo nos meus sonhos, sempre sou criança. Há aqueles que se repetem quase toda noite. O do zigurate que esconde uma biblioteca quase infinita, em cujos corredores a perder de vista eu topo com velhos que perambulam lendo em voz alta livros nas línguas mais esquisitas; aquele em que meus dentes se quebram e caem da boca como se um punhado de grãos de milho que eu cuspiasse; com maior frequência, aquele em que discuto com meu pai sobre seu jeito de matar pernilongos.

Morávamos naquela parte do planeta chamada Brasil. Não sei se ainda tem esse nome, pois antes de tudo acontecer eu tive a sorte de me mudar para o lugar que vinha nomeado nos mapas como Patagônia. Aqui era muito frio na época, agora nem tanto, ou então me acostumei.

No lugar em que morávamos fazia calores terríveis durante algumas semanas do ano. Meu pai tinha birra profissional contra insetos, havia trabalhado como exterminador de algumas espécies transmissoras de doenças, e teimava todas as tardes mais quentes em fechar a casa e, com uma bomba presa às costas, borrifar veneno até que não restasse nenhum recanto livre de ficar empestado por aquele cheiro. De minha parte, preferia amanhecer todo picado e com o corpo inteiro coçando. Ou então fazer manualmente a matança. Para mim, o cheiro era até pior que os bichos com seu zunido traiçoeiro, sempre recomeçado quando a gente apagava a luz.

Nesses meus sonhos estamos sempre debatendo a questão da matança de pernilongos, como se esse tivesse sido o único item da discussão com meu pai, que só terminou quando ele morreu, para então eu retomar todas as discussões que sempre tivera comigo mesmo. Meu método preferido era seguir o voo do bicho com um livro grosso e de capa dura aberto, fechando-o subitamente e esmagando o vampiro insolente. Mas em certas manhãs, irritado por meu pai ter tido razão ao advertir que eu seria comido pelos bichos durante a noite, resultado da teima em abrir a janela do quarto logo após o expurgo, mais do que pela coceira que tomava o corpo quase inteiro, eu gostava de me vingar esmagando pernilongos contra a parede ou contra a superfície dos móveis.

Numa dessas ocasiões, tendo matado uns dez ou quinze deles logo ao acordar, fui reabrir a janela (fechada de madrugada, havia um anúncio de chuva) e notei que um sobrevivente estava pousado na vidraça. Fiquei espantado com seu tamanho, que era o dobro do daqueles que havia acabado de matar. Tinha uma tromba assustadora, perfeitamente visível a olho nu, e me convenci de que os bichos estavam começando a crescer. Certamente dessa ocasião é que nasce



o sonho recorrente, pois fui comunicar a descoberta a meu pai e ele, já acostumado a descartar minhas opiniões fantasiosas, disse: “Você não tá é bolando bem, rapaz.”

– Mas, pai, é verdade, antigamente a gente nem conseguia ver a cara deles e agora tem essa tromba enorme que... “E desde quando pernilongo tem cara?” – ele perguntou.

– Sei lá se é cara, sei que é muito maior.

Ocupado com alguma tarefa doméstica, ele me sugeriu conversar com a professora de biologia, o que não fiz. Ela preferia mandar a gente ler capítulos inteiros de um livro e trazer perguntas na aula seguinte, o que me parecia bem pouco estimulante, de modo que pouco me interessava pelo estudo sistemático dos seres vivos, mais especialmente pela vida sexual das plantas. Branca de Neve, o apelido que pusemos na professora, de biologia pouco mais do que isso me lembra.

Agora ninguém mais duvidaria de que os pernilongos crescem. Já não é possível, quem sobreviveu vive às voltas com autênticas seringas voadoras. Os pernilongos de hoje são muito maiores do que uma barata cascuda. Mas o que digo? As baratas também cresceram, e de modo geral todos os insetos daninhos, enquanto os bons ou simplesmente inúteis desapareceram. Já não há veneno que possa matar os pernilongos, e alguns sempre conseguem entrar em casa apesar das treliças que existem em todas as janelas. A gente só espera o momento de iniciar o combate e pensa que é bom ainda existirem dias e noites, pois a claridade, mesmo pálida, serve de sinal para o início dos ataques. E também a casa da gente se tornou uma clausura que só durante o dia se pode abandonar com menor perigo.

Não conheço ninguém que tenha crianças, e fazemos todos muito bem, pois quase que nem temos mais palavras que possam explicar o mundo às crianças. Nós nos comunicamos mais por gestos e olhares, já que neste lugar nunca se pode adivinhar que língua falará alguém que encontrarmos. Continuo a odiar os pernilongos, além de ter muito pouco a fazer durante meus curtos dias, então outro dia estive fantasiando a ideia de ir à lagoa que fica daqui a cerca de meia hora de caminhada. Lá a gente pode colher ovos de insetos que sobrenadam na água parada. A gente os captura numa peneira e os esmaga, com isso podendo ao menos ter a esperança de que um número menor de bichos virá rondar nossa casa ao anoitecer. O barulho do zumbido, por sinal, é proporcional ao tamanho dos zumbidores.

Já fizemos, alguns vizinhos e eu, esse bizarro mutirão algumas vezes, e o resultado não foi desprezível. Mas a cada vez fica mais difícil achar gente disposta a participar, depois do boato de que começaram a aparecer ratos por aqui. Todos estão amedrontados, e não existem muitas armas de fogo disponíveis. Munição, menos ainda.

Ilustração de Laura Alkmim

## ELOÉSIO PAULO

mineiro de Areado, é poeta e doutor em Letras pela Unicamp e professor da Universidade Federal de Alfenas (MG). Tem publicados diversos livros de poesia e de ensaios, além de incursões pela literatura infantil.

# MEDITAÇÃO SOB O CARVALHO SECO

MARCUS VINICIUS DE FREITAS

Os ossos rangeram na esquina  
 ao peso da carga ou dos anos  
 enquanto o vulto do pássaro  
 voltava do lago tão longe  
 com gritos de máquinas cegas  
 e guinchos de velhos poemas  
 patéticos ritmos mortos  
 voltaram a dar sua pena  
 com pena da asa do pássaro  
 quebrada assim como os ossos  
 que bradam em busca da rima.  
 Esse ritmo insistia em meu cérebro  
 enquanto o vento aumentava  
 a fuligem cinza do céu  
 lixava a paisagem entrecortada de brancos e  
 marrons  
 a ponto de rachar  
 a visão das coisas, o sentido das horas, a marca  
 dos passos na neve  
 suja da calçada.  
 Como quem não sabe, e nunca sabe, que pode  
 encontrar  
 na dobra da rua  
 o vão  
 buscado nos dias sentidos,  
 a canção afinada com a melodia da vida,  
 sai às três da tarde para encontrar  
 algo que comesse  
 uma lata de sopa, um pacote de ar  
 uma garrafa de óxido  
 de hidrogênio  
 uma bomba qualquer  
 que saciasse as vértebras dos intestinos  
 e permitisse um sono sem grandes explosões  
 de raiva ou de desespero.  
 Levava nas costas uma mochila  
 sem marcas e sem história,  
 que não peregrinara por lugares santos ou infectos,  
 mochila sem metáforas  
 que saltassem de suas alças  
 e tornassem o caminho imagem de poema.  
 Apenas proverbial mochila  
 capaz de carregar a razão  
 geométrica da fome, a raiz

quadrada da necessidade, a farinha de  
 rosca sem fim.  
 E era numa cidade ao norte  
 sem rio que lhe lambesse  
 as ruas, sem abrigo  
 na perspectiva das casas  
 sem mar, quisera  
 uma marquise à sombra dos bancos  
 uma calçada que asfalto não fosse  
 à beira da cidade nua.  
 Cidade desconsolada pelos voos  
 noturnos de flautas  
 mudas,  
 silêncio aterrador de chávenas de chá  
 preto no nascente  
 cinza no poente, cidade  
 colina que se imagina calvário  
 de pioneiros do vale  
 virada para o pequeno cume  
 descampado sem água  
 à vista, a prazo  
 com as razões da solidão.  
 Só a graúna da asa quebrada  
 crocrouava levada  
 no vento que atravessa contínuo o espigão  
 desolado,  
 enquanto o ritmo valsava  
 dissonante da paisagem  
 na dois e na cinco e na oito,  
 presunto, cenoura e biscoito  
 quer pão, quem quer pão, quem quer pão  
 mochila de compras nas costas  
 sinal cujo tempo é de três  
 por quatro esquinas dividindo a acrópole  
 de cristais  
 de gelo estalando sob a sola do sapato  
 na direção de minha cápsula  
 espacial, no rumo da nave  
 mãe de todas as coisas.  
 Graúna gralhadeira packed my bag last night  
 preflight  
 zero hora, três da tarde  
 com os cacos de água dura  
 cortando os rastros do chão,

essa graúna passou  
dizendo adeus  
e o vento gerado em sua asa quebrada  
quebrou a esquina e rolou  
sem aviso ladeira abaixo, por onde  
Robert andou com Emily às costas  
James enlouqueceu de jogar pedra  
nesse chão de folhas apodrecidas,  
o vento tocou-me  
a décima vértebra  
silenciou a dança do ritmo  
e jogou-me na casca  
em rugas de velho  
carvalho que habita sequoioso  
o umbral da esquina.  
Minhas pernas torcidas  
misturaram-se às grossas raízes e  
sentado caí  
aninhado entre as nervuras e a mochila  
que se fazia de estofo  
ázima almofada de pão  
água e farinha misturadas  
recheada de presunto e dores nas costas.  
Um termômetro na ponta da orelha  
indicava o mergulho livre  
zero grau  
o cabo na guia  
menos cinco  
perda de lastro  
menos quinze  
sem nadadeiras  
menos vinte e cinco  
no limits  
o corpo dormindo  
no leito de neve  
a quatrocentos e cinquenta e um graus  
negativos  
sob o dossel de flocos.  
Quando apenas o silêncio zumbia no ouvido  
a ladeira saiu do esquadro  
e uma chuva oblíqua  
em pétalas de gelo  
descortinou uma outra paisagem.  
Pessoas atravessavam a esquina em direção

ao mar, numa rua de sol,  
muita gente sorrindo de me ver  
sentado a menos de trinta graus  
a menos de três degraus do âmago da árvore seca  
a menos de trinta centímetros dos seus  
pés que pisavam as poças geladas  
e espirravam água salgada e areia  
sobre a calçada de folhas mortas,  
crianças tomando sorvete de flocos  
de neve  
recostadas nesse mesmo carvalho em leque  
de palmeira,  
corvos e maritacas acasalando no ar.  
Em mim a miséria  
de não poder tocar  
os rostos, tão perto do longe,  
miséria que espera por nada  
e faz sozinha seu café toda manhã  
e olha o céu no reflexo  
da xícara a conversar com as laranjas  
do cesto de compras  
enquanto a neve cai sobre os corpos das mulheres  
deitadas na areia.  
Viúva sem cachorro  
velho em cama de asilo  
solteirão sem sobrinha  
migrante sem passagem  
a solidão miserável da aeromoça africana  
às quatro da manhã, em Tóquio,  
quando o avião foi dormir no hangar  
e a insônia se instala em seu cubículo  
de papel e bambu,  
horror de professor solitário  
que passou a vida  
juntando livros e agora  
senta na escada dos seus  
vinte mil volumes e lê a ausência de tudo,  
mãe de pés descalços que pisam  
a rua de gelo  
porque a filha de quinze anos fugiu de casa,  
cadela que roda em círculos  
depois que os filhotes  
foram roubados.  
Uma acha de carvalho caiu sobre

meu corpo dormido que doía  
com as mil agulhas  
de vidro  
granizo ganindo na ganga  
das ruas.  
A cada rajada de vento  
minha mochila soltava no ar  
um parapente amarelo  
a pousar no alto do carvalho seco.  
O calor da areia  
rachava os lábios de frio.  
Banhistas mergulhavam à sombra  
dos galhos secos  
e esquilos catavam  
cocos maduros, ouricuris dourados  
de massa preguenta,  
balançavam seus rabos  
à brisa invernal.  
O fôlego acabou. Lancei mão  
do tanque de óxido de hidrogênio  
armazenado na mochila.  
Meu corpo flutuou no ar  
e vi que a terra era cinza.  
De fato, era frio como o Inferno.  
A graúna passou outra vez  
desceu suas asas sobre o plano diagonal  
e corrigiu em trinta graus o ângulo da paisagem.  
O vento parou, a praia sumiu.  
Tomei o cabo-guia  
da calçada e fui  
subindo lento à superfície das coisas.  
Fiquei de pé  
fincado no chão  
até que as pernas parassem  
de tremer  
e as rugas do carvalho  
dissem adeus à minha nuca cansada.  
Limpei os farelos da solidão  
e voltei para a nave, a tempo de  
ligar o forno e requeimar pão  
de cada dia sem fermento, sem valsa  
com a marca das mãos do padeiro sardônico.  
Que faço agora  
do ouricuri dourado  
que achei no fundo da mochila?

## MARCUS VINÍCIUS DE FREITAS

é romancista, poeta e ensaísta. Autor, entre outros, de Peixe morto (romance) e No verso dessa canoa (poesia).

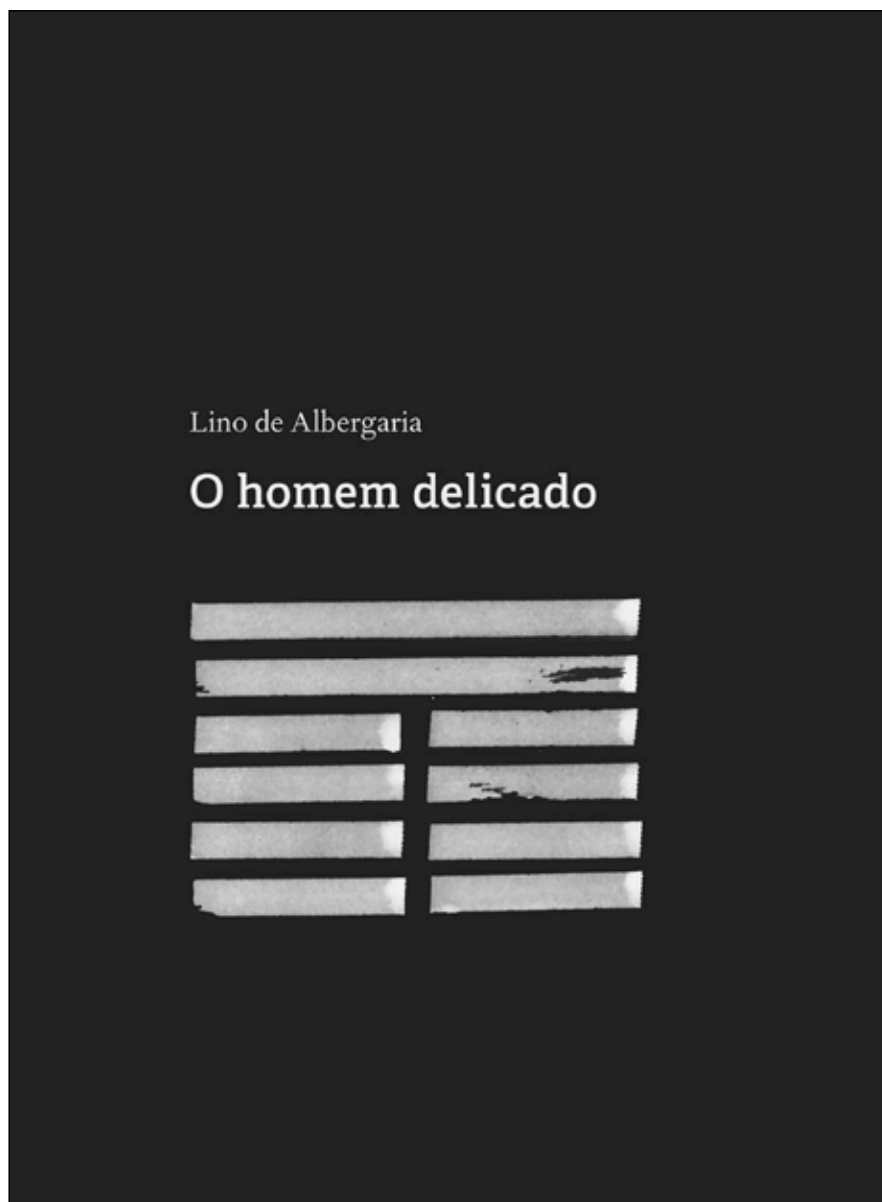
# SERENO

HUGO ALMEIDA

---

# DESASSOSSEGO?

*Os gêmeos de O homem delicado, novo romance de Lino de Albergaria, têm convivência pacífica, ao contrário de Esaú e Jacó, mas o dia a dia da família não é tão feliz e tranquilo como procura mostrar o narrador da parte inicial - depois, surge uma antagonista, "A intrusa". Um bonito livro cheio de vida e imaginação*



Grande e versátil escritor que é, Lino de Albergaria (Belo Horizonte, 1950) se impõe um novo desafio a cada livro. E conquista resultado ainda mais arrojado, artístico, original. Após os expressivos, intensos, cristalinos *Os 31 dias* e *Um bailarino holandês*, romances lançados em 2015 pela Scriptum em esmeradas edições, ele apresenta agora uma história mais ampla e cativante em *O homem delicado* (Quixote+Do, 2019), também com apurado trato gráfico.

Se nos romances anteriores há um diálogo com textos clássicos, sobretudo com *As mil e uma noites* (porém, em relatos diários ao longo de apenas um mês), e poucos personagens, como na relação homoafetiva entre um atendente de livraria e um cliente que compra um livro, episódio no qual Belo Horizonte, além de elo, torna-se personagem, em *O homem delicado* a fabulação ascende novo patamar. Traz mais personagens, peripécias e maior extensão de tempo.

O narrador reflete sobre os segredos e mistérios dos laços de família e da existência humana, num saboroso e instigante passeio à primeira vista sossegado pelo passado, presente e o por vir de três gerações. Um texto leve, mas primoroso, por vezes poético, de leitura fluente, em hábil e bela estrutura, um vaivém de intensa magia que lembra encantos da infância dos dois irmãos, Bruno e Lauro, em torno de quebra-cabeças, mapas, caleidoscópio. E é nessa aparente confusão de fragmentos de vida pulsante que se manifesta a beleza do romance. Com instantes de fino humor.



Trajectoria familiar à primeira vista tranquila porque a parte inicial da história, “O filme da minha vida”, narrada por Lauro, irmão gêmeo mas não idêntico de Bruno, parece tratar de pessoas envoltas em harmônica atmosfera ou, no máximo, em sereno desassossego. Só parece. Há fios soltos ou ausentes. É certo que Lauro (“felizmente, não me deram o nome de Breno”) mantém boa convivência com o irmão, embora tenham visão de mundo divergentes – o narrador voltado para a beleza da vida e o irmão para as “cruzas”. Eles não brigaram no ventre materno como fizeram Esaú e Jacó bíblicos e machadianos.

Como *O homem delicado* não trata de conflito, ciúme ou embate entre irmãos, não há nele a angústia do romance de Machado de Assis nem a dramaticidade de *Dois irmãos*, de Milton Hatoum. A narrativa se desenvolve sob a ótica do homem sensível, Lauro, que registra lances da infância e adolescência e seus ritos até a maturidade, pai, idoso. “Desde muito cedo, prefiro as imagens, a música, tudo que me afasta do chão”, diz. Nem mesmo os momentos de maior tensão na casa de seus pais, Francisco e Lídia, e as relações sigilosas parecem trazer graves consequências. No entanto, nem tudo que Lauro escreveu era a expressão da verdade. Após sua morte, a filha única, Isabel, dá continuidade ao romance inacabado na parte final do volume, “A intrusa”, e opera nova magia. Uma reviravolta, outro ponto de vista. Ficção dentro da ficção.

Isabel puxa os fios soltos do relato paterno, desvenda outros, abre o leque da história. E o que se vê não é mais a mesma imagem, ao contrário do que diz a epígrafe de Henri Bergson na parte inicial do livro (“O leque que se desdobra poderá abrir-se cada vez mais depressa e mesmo instantaneamente: ele mostrará sempre o mesmo desenho já inscrito na seda”). Começa aí o contraponto com a versão de Lauro. Escritor habilidoso, Lino de Albergaria imprime à porção final do livro outra dicção literária.

Com maestria, ele faz Isabel escrever tão bem quanto o pai, com linguagem ainda mais delicada, bonita, feminina (“garotinha Maria”, “fantasmilha que agora incomoda”, “tipinhas sem graça”) e de certa forma ela igualmente maneja um caleidoscópio, no ir e vir da memória. Essa é sua visada, a da memória, já anunciada no trecho de *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez, usado como epígrafe de seu relato. Isabel põe em dúvida a “alma delicada” de Lauro, que descreveu a família “com tons tão crus”.

O que Isabel manobra é um caleidoscópio crítico, contestador, que revela surpresas sobre diversos momentos da família, desmente alguns e duvida de outros (fatos ou invenção do pai?). Ele teria mesmo traído Nina, mãe de Isabel? “Sua veia literária pode ter ajudado papai a soltar a imaginação e a criar personagens com um pé ou os dois na ficção”,



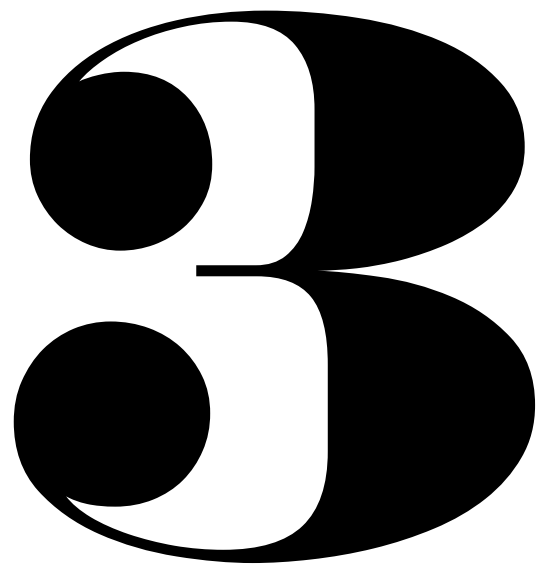
O escritor Lino de Albergaria

escreve, às vezes sutil e irônica. Lauro era ligado ao passado; a mãe, viúva, apreensiva com o futuro, consulta o tarô e o *I Ching*. Já para filha o importante é o presente. Harmonia em família?

O pai teria sido parcial, ignorou por exemplo os sogros, avós de quem Isabel tanto gostava. Ele não registrou nada da juventude da filha. “Onde estava nessa fase da minha adolescência? [...] Sei que fiquei meio invisível para ele.” A nova narradora repete e atualiza o rito de passagem de Lauro. E se julga na obrigação de concluir o romance: “É como se meu pai tivesse me desafiado, já que detesto tarefas inacabadas”. Romance de mestre, “livro impressionante”, como diz Ana Cecília Carvalho na orelha, *O homem delicado* é uma prova da rica vitalidade da literatura brasileira atual.

#### HUGO ALMEIDA

mineiro residente em São Paulo, publicou, entre outros livros, o romance *Mil corações solitários* (Prêmio Bienal Nestlé-1988) e os infantojuvenis *Meu nome é Fogo* (Dimensão) e *Viagem à Lua de canoa* (Nankin). É doutor em Literatura Brasileira pela USP.



CONTOS

DE

CARLOS HERCULANO LOPES

## Pesadelos

De uns tempos para cá, e cada vez com mais intensidade, aqueles pesadelos que tanto o atormentaram na sua infância voltaram a povoar-lhe as noites. Há algumas semanas, segundo sua mulher, ele gritou tanto que ela não teve outra opção que não acordá-lo. "O que está acontecendo, amor? O que está acontecendo?", perguntou, tentando acalmá-lo,

João Antônio, suando muito, levantou-se, foi ao banheiro, molhou o rosto com água fria, esperou um pouco sentado na cama e voltou a deitar-se. Um assaltante mascarado tinha lhe dado um tiro na barriga, que se dissolveu em várias partes, espalhando suas vísceras no meio da rua. Com as mãos ensanguentadas, ele tentava em vão juntá-las, enquanto alguns cães se aproximavam para comê-las.

Preferiu não revelar o sonho à Maria Júlia que, preocupada com a constância deles, sugeriu que ele procurasse um médico, diminuísse a bebida e começasse a fazer exercícios. Poderia se matricular numa academia, ou então fazer uma caminhada diária: "Faz bem para o corpo e para a mente", ele ainda disse. Enroscou-se nele e, naquela noite, fizeram amor como havia muito tempo não faziam.

De madrugada, no entanto, outro susto: dezenas de micro robôs, sem que nada pudesse fazer para detê-los, saíram da tela do computador no qual terminava um trabalho, e, armados com flechas envenenadas, começaram a atacá-lo, retalhando-o em pedacinhos. Mais uma vez João Antônio acordou apavorado, aos gritos. Como nas outras ocasiões, preferiu não dizer nada à mulher, que lhe ofereceu um copo d'água, para, em seguida, virar-se para o canto e passar o resto da noite acordada.

Mas, certeza mesmo de que alguma coisa estava errada, e de que precisava de ajuda, aquele homem teve foi numa outra noite, quase de manhã, quando, no auge de mais um pesadelo, logo após ter sido acudado por um desconhecido num canto de rua, não teve dúvida em revidar, e, aos socos e pontapés, começou a agredir Maria Júlia, cujo rosto, no outro dia, estava coberto de hematomas.



## A mulher e o curió

Naquele apartamento na zona sul de Belo Horizonte, onde, há dez anos, desde que se casaram, o homem morava com sua mulher, vivia também um curió, pássaro de canto nobre que ele havia ganhado de um amigo de Curitiba. O passarinho ficava na área de serviço, numa gaiola de madeira feita especialmente para recebê-lo. Assim que amanhecia, o bichinho, ao qual a mulher deu o nome de Tom, começava a cantar e só parava à noite, quando as luzes era apagadas.

Isso até poucos meses atrás, quando o homem, depois de ir ao Mercado Central e o ver em meio a dezenas de outros, resolveu comprar um canário belga, cuja plumagem o seduzira. Mas, ao chegar em casa quase na hora do almoço, ouviu sua mulher dizer, enquanto preparava uma salada: "Não quero esse passarinho aqui". E disse isso com firmeza olhando para ele, que saltava de um poleiro a outro.

O marido, sabe-se lá por quê, não concordou com ela, que insistia para que a ave fosse devolvida. Desde então, a mulher e o curió, como se tivessem feito um pacto, estão mudos, enquanto o canário, perfeitamente adaptado ao novo ambiente, não para de cantar.

## Um corpo no asfalto

Pouco tempo após sua aposentadoria, aquele homem, por não ter nada mais que fazer, pegou a mania de todas manhãs, invariavelmente às 8 e meia, ir para a janela do apartamento no oitavo andar de um prédio antigo, onde passou a morar depois da morte da mulher, para ver o que acontecia na rua. Nunca um coisa era igual a outra, a não ser o barulho dos carros, cada vez mais alto.

Num certo dia, para sua surpresa, viu um conhecido passar com uma pasta na mão. Parecia estar com pressa pelo jeito que andava, com os olhos fixos no chão. Aquele homem, que não via há anos e se chamava Pedro Augusto, tinha sido seu colega de colégio, e tinham nascido na mesma cidade, pelos lados do Espírito Santo.

De outra vez, um grupo de rapazes vestidos com calções brancos e camisetas amarelas, cruzou a rua correndo e gritando palavras de ordem. Devem ser militares em treinamento, pensou, já que existia um quartel do exército nas imediações.

Dias depois, logo após ter tomado café que ele mesmo passara em um coador de pano, lá estava ele de novo na janela, em busca de novidades. Desta vez, para sua decepção, registrou apenas a presença de uma moça vestida de branco que subiu a rua falando ao celular, além de um bem-te-vi pousado no galho da castanheira. Almas-de-gato e sabiás também costumavam aparecer por ali ao cair da tarde.

Cumprido o prazo — nunca ficava mais do que cinco minutos naquele posto de observação —, voltou para dentro de casa. Jornais da semana inteira, além de várias revistas que não tinha lido, o aguardavam, além das contas a pagar.

De outra feita, em um domingo bastante frio, ele testemunhou um homem de cabelos brancos, que parecia estar bêbado, esbofetear uma mulher com a qual discutia em frente ao prédio vizinho, de onde haviam saído. Nos instantes seguintes, sem que ela esboçasse a menor reação ou gritasse por socorro, o agressor deu sinal para um táxi e os dois se foram como se nada tivesse acontecido.

Horror mesmo aquele homem sentiu foi naquela manhã em que, após ter novamente se postado na janela, viu, ou julgou ver — numa fração de segundos — seu próprio corpo estatelado no asfalto, com os carros passando por cima. Conta-se que, desde então, embora não esteja sendo fácil, ele está tentando mudar de hábitos.

CARLOS HERCULANO LOPES

mineiro de Coluna, é escritor e jornalista. Autor de diversos livros de contos, crônicas e romances, tem algumas de suas obras vertidas para o cinema.

---

# O NOIR NAIF DE PAULO FRANCIS

NOTAS PARA *CABEÇA DE NEGRO*

GUILHERMINO DOMICIANO

*Cabeça de Negro* é um romance publicado em 1979, durante a distensão que levaria à Constituição de 1988 – um tempo de crescimento da produção e mercado dos textos brasileiros. *Gota d'água* (Chico Buarque e Paulo Pontes) saiu em 1975; *O Grande Mentecapto* (Fernando Sabino) e *O Cobrador* (Rubem Fonseca) também fazem quarenta este ano; *Não Verás País Nenhum* (Ignácio de Loyola Brandão) é de 1981; *Morangos Mofados* (Caio Fernando Abreu) e *Feliz Ano Velho* (Marcelo Rubens Paiva) são de 1982, para citar meia dúzia.

Quarenta anos depois, o livro bruto que Paulo Francis escreveu oferece uma ideia de mundo feia e pertinente. A imensa concentração econômica e tecnológica sem cuidado científico pode, sim, levar a alguma distopia. E a leitura é tensa e engraçada porque esse é o estilo do autor.

\*\*\*

Maneco foi ministro de três ditaduras e será reconduzido ao cargo. Seu apartamento no Rio de Janeiro é invadido por um criminoso comum, *Cabeça de Negro*, homem grande, pobre e preto. Veio atrás de Maria, mulher de Maneco, que está só.

O que não sabemos é que Maria treinou combate na Líbia. Atacada, esmaga o rim e quebra o pescoço de *Cabeça de Negro*. Para esconder seu passado, a mulher do ministro dá três tiros no coração já morto do bandido. E liga para o ex-jornalista e amigo da família, Hugo Mann.

Hugo recebe o telefonema de Maria, vai ao seu apartamento – eles são vizinhos – e encontra o cadáver. Maria diz que atirou em legítima defesa e, como Maneco está viajando, pede que Hugo a ajude.

Hugo aciona o Dr. Cruz, um médico amigo, e o Dr. Agamenon, um delegado amigo. E aciona seus amigos na imprensa. O distinto público saberá que *Cabeça de Negro* foi baleado pelo Dr. Agamenon.

Feita a limpeza, Hugo vai passear com seu amigo Álvaro, que nos apresenta a duas amigas: Renata e Denise. Renata foi barbaramente torturada nos porões da ditadura.

Para tratar em público do assalto ao apartamento, Maneco e Maria abrem a casa e convidam os amigos. Renata diz que gostaria de ir e, ao saber disso, Maria sobressalta.

No encontro, Renata reconhece em Maneco seu pior carrasco e é vista chorando ao sair. Vai para a casa de Álvaro. Logo depois, três indivíduos aparecem na casa de Álvaro para arrastar Renata. Encurralada, ela pula do oitavo andar. A história oficial será suicídio.

Hugo aperta Álvaro e fica sabendo das condições em que Renata morreu. Vai à casa de Maneco e lhe dá um tiro na cabeça.

\*\*\*

*Cabeça de Negro* é um *thriller*. Dos bons. Afetado, irritadiço, cínico. O livro que espera o filme.

*Thriller* bom é *noir*. Meias-luzes, cigarros, chapéus sobre os olhos. ‘O diabo é o fumo’. A primeira cena é o básico: uma mulher procura o narrador, precisa desesperadamente de ajuda, está envolvida em um crime, ela termina na cama. É um crítico de cinema quem narra e o *noir* vem nas palavras: fumaça onde não vemos tudo. Partes, trechos. De diálogos, efeitos do álcool, histórias paralelas, alucinações e apagões com direito a esquizofrenia que escondem a história.

Todos no círculo de Hugo são hipócritas. Escondem coisas dos outros, da opinião pública, de si mesmos. A mesma fumaça está dentro das pessoas. Muita gente tem problemas mentais. Há um psiquiatra em cena, igualmente hipócrita. Os motivos do primeiro crime, contra o Cabeça, do segundo crime, contra Renata e do terceiro crime, de novo contra Renata,



Foto: Acervo SLMG

Paulo Francis, jornalista e escritor.

não são claros até a história se resolver. E resolve com um quarto crime.

É o conjunto do texto que deixa em suspenso: do que é que falamos? O que houve? Que diabos?

Há uma qualidade extra aqui. Ao criar esse ambiente difuso, Francis ganha a liberdade de olhar solto sistemas e ideias que estão por trás dessa estrutura de poder. Vemos conversas, geralmente ríspidas, sobre o estado das coisas e sobre as opções para lidar com ele; os russos, os terroristas, os predadores, os cavalheiros alcoólicos.

Trechos, versões, leituras. Contadas por si e por outros. O fio narrativo segue por trás disso e o leitor vai descobrir segredos entre as ilusões do prestidigitador.

O jogo duplo de Maneco a serviço de sua ganância e sadismo pede citação: “Uma noite, num pôquer no Morumbi, um americano executivo de multinacional, caretão, sugere, de surpresa: ‘Ei, gang. Por que não jogar algum no outro lado?’ Pasma e incompreensão. O gringo, ridículo, explica humildemente que ‘a gente controla os fundos e informações e passa os roteiros deles, da garotada, à OBAN. Fica entre nós, OK?’ Os briosos soldados continuaram no seu trabalho profícuo prendendo os comunas no momento certo. O financiamento sugerido pelo americano ajudou até a identificar os mais secretos aparelhos”. É Maneco o patrocinador do treinamento de Maria e das operações de Renata.

\*\*\*

A dupla de autoridades é impagável. Para limpar a cena do crime, Francis põe em cena dois *dottori de commedia dell'arte*, o Dr. Cruz e o Dr. Agamenon; um médico carola e um delegado afetado. Cruz é particularmente engraçado; chora e sua copiosamente, louva integralistas,

tem uma filha ninfomaníaca que julga virgem. Pede para ser levado a um conceituado lupanar e surta no puteiro ao encontrar a filha na função. Quem é chamado para limpar a bagunça? O Dr. Agamenon.

\*\*\*

Quatro pessoas importantes:

MANECO: o vilão. Rico, ministro de ditaduras, faz dinheiro com a valorização trapaceira de imóveis e especula na bolsa de NY. É senhor de todos: de Maria, sua mulher e espia, treinada no exterior com dinheiro dele; de Hugo, a quem iniciou no comércio de sesmarias; de Álvaro, que resgatou do exílio na Rússia e lhe serve de informante. É senhor de cineastas e músicos. E de Renata, guerrilheira entre tantos que Maneco cevou para ajudar a manter o regime fechado e servir de prato em orgias sádicas.

HUGO MANN: o jornalista. Nosso herói. Crítico de cinema por muitos anos, conhecido e respeitado. Ganhou dinheiro fazendo um *lobby* inesperado em Washington e aplicou nos imóveis de Maneco. Isso lhe garante vida de diretor de fachada, com criada, carro, chofer e cartão corporativo; largou os jornais e vive confortavelmente em salões, restaurantes e alcovas. Afogado em uísque, conversas sofisticadas e sexo sem memória.

ÁLVARO: o intelectual. Professor. Exilado na Rússia por muitos anos. Voltou após um acordo com Maneco, a quem serve. Divertido e fraco de caráter. Faz sexo masoquista.

Quarenta anos depois, o livro bruto que Paulo Francis escreveu oferece uma ideia de mundo feia e pertinente. A imensa concentração econômica e tecnológica sem cuidado científico pode, sim, levar a alguma distopia. E a leitura é tensa e engraçada porque esse é o estilo do autor.

RENATA: a idealista. 'Gente em geral séria e decente'. Disposta a pegar em armas para mudar o mundo, foi cooptada pela guerrilha de abantesmas que Maneco financia. Presa pouco antes de atacar, serviu de pasto aos porões. Estuda medicina e vai 'ser a melhor endocrinologista do mundo'.

\*\*\*

*Noir* bom é existencial. Estar só diante de forças poderosamente organizadas mundo afora e, quando não isso, diante do acaso, é negócio angustiante. Exige capacidade de análise para compreender a escala e caixa para aguentar a pancada. Hugo sabe da importância do intelectual e costuma manter a fleuma; e sabe de sua decadência. Um homem e seu caminho. Pior, o jornalista pode ter ajudado a criar Renatas, ao alimentar ilusões juvenis.

\*\*\*

Esse mundo traz três categorias sociais: Os senhores da terra. Em torno deles, uma franja de criados, servos sexuais e parasitas ilustrados. E os pobres da terra. Entre os senhores e os pobres um abismo, sempre mais largo e mais fundo.

Os pobres são o futuro, 'reproduzindo-se aos milhões. Mão de obra supérflua gerando mão de obra supérflua. Não representam nada, exceto a própria fúria'. Essa fúria, 'justificada ou não, quando possuir bilhões de portadores, promoverá o fim da civilização que conhecemos'.

Os senhores da terra são unidos, reações, religiosos: 'as famílias precisam se unir contra a violência e depravação que andam soltas neste país'. Elogiam a capacidade de Hugo ao lidar com polícia e imprensa – essa gente baixa – e ficam felizes que ele tenha se tornado homem de negócios e deixado o jornalismo, essa bobagem. Gozam das benesses do poder, comida, viagens e festas, enquanto crimes horrorosos passam debaixo de seu nariz. Sepulcros caiados.

\*\*\*

Senhor da verdade, Hugo Mann pontifica que não interessa mais a existência de esquerdas e direitas; surgiu outra nobreza, além desses discursos. Não se escreve mais em ideologias mas em civilização e barbárie. O futuro trará hordas famintas de Cabeças de Negro que serão paradas a átomo, se preciso. Viveremos em ilhas de tecnologia e prazer cercadas de canibalismo por todos os lados.

O encontro de barbárie e civilização leva ao ótimo final. Furioso com a morte de Renata e certo de seu ponto de vista, Hugo sai de sua solidão e encarna o Cabeça de Negro em versão melhorada. Esse novo bandido sabe do sistema, sabe do inimigo e sabe que não haverá castigo.

\*\*\*

Qualquer semelhança não é coincidência. Paulo Francis é *naif*, não é burro.

# UMA VOZ PERSONALÍSSIMA QUE TODOS DEVEM LER

RONALDO VINAGRE FRANJOTTI

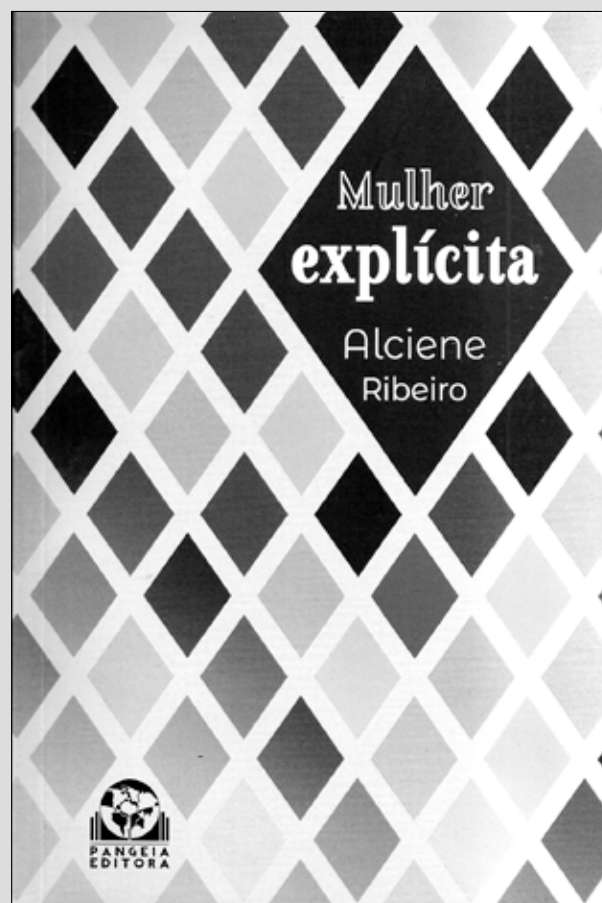
---

**U**ma das maiores conquistas que um escritor pode almejar é desenvolver uma linguagem única que o diferencie dos outros e que ao mesmo tempo defina sua personalidade literária. Não é tarefa fácil, mesmo escritores consagrados não adquiriram essa marca. Por conta disso, pode-se dizer que Alciene é uma escritora privilegiada, faz parte de um seleto grupo de prosadores, como Machado de Assis, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Lygia Fagundes Teles, Rubem Fonseca, Adalgisa Nery e poucos mais. Outro mérito é desenvolver essa marca narrativa em uma produção, por enquanto, esparsa, publicada sem pressa desde o final da década de 1970.

O volume em questão é uma mistura de contos inéditos, contos "perdidos" em suplementos e em revistas literárias e contos publicados em volumes esgotados há muito. O eixo temático, que se advinha no título, é uno e múltiplo: a mulher. De forma libertadora, Alciene aborda várias e variadas mulheres, de várias idades e amores, como canta Martinho da Vila. Encontramos narrativas que desdobram e dialogam com alguns estereótipos femininos sem nunca cair na armadilha de reproduzi-los tal e qual a sociedade patriarcal os molda: a mulher traída, a traidora, a menina inocente, a masculinizada, a madura, a trágica e tantas outras.

Um aspecto muito interessante da edição é que, além da beleza gráfica, ela fornece dados muito importantes da autora que vão além da usual biografia: como posfácio, há um histórico dos contos, situando data(s) de escrita e – quando é o caso – de publicação(ões). Saber quando cada texto foi escrito nos permite esboçar a trajetória de Alciene e ver, além do conteúdo, eventuais mudanças na sua maneira de escrever e de narrar.

Os contos mais recentes datam de menos de um ano e, como seria de se esperar, são aqueles que trazem de maneira mais pungente e lapidado o seu peculiar estilo. Para nós, a joia da coroa é a narrativa curtíssima que abre o livro: "Independência e morte". Nele, a autora retoma mote já desenvolvido no ótimo "Ave Maria das Graças Santos", de 1984: o feminicídio.



Apesar de ser um conto curto e muito eficiente narrativamente, o conto dos anos oitenta foi superado pelo sucessor: em “Independência e morte”, a escritora atinge a mistura perfeita entre sua típica linguagem sintaticamente truncada, de sintaxe entrecortada e vocabulário muito pessoal (uma mescla de intelectualidade e sertão mineiro, das geraes), com a precisão e concisão que só os melhores contistas alcançam realizar. A catarse com essas narrativas é inevitável em época em que ainda testemunhamos, de modo tão claro, essas mesmas tragédias.

Mas não é só de tragicidade que vivem (e morrem) as mulheres de Alciene Ribeiro: a despeito de tudo, de todos e dos tolos, mesmo os que se julgam super-homens, elas se mantêm sublimes e sublimadoras de sua própria condição. Como a protagonista de “Transa”, senhora de si que negocia com um garoto de programa uma noite de amor, tão independente quanto carente, em uma narrativa composta apenas de diálogos que nos remete ao melhor de seu conterrâneo, Luiz Vilela. Não é qualquer escritor que emula tema, modo de narrar, topografia ou qualquer aspecto de um escritor consagrado e faz uma obra genuinamente sua, original, forte e densa – Alciene Ribeiro, no *Mulher explícita*, faz isso de maneira magnífica, e acrescenta à literatura uma voz personalíssima, que a faz juntar-se ao rol dos autores da literatura brasileira que todos devem ler.

RONALDO VINAGRE FRANJOTTI

é professor no Ensino Fundamental na Rede Pública Estadual de Mato Grosso do Sul e doutorando em Estudos Literários na UFMS.

---



## ENTREVISTA DE ALCIENE RIBEIRO AO PROFESSOR RAUER RIBEIRO RODRIGUES

### **Por que o título *Mulher explícita*?**

Tive a pretensão, ambiciosa, de abordar a realidade feminina em suas múltiplas vertentes. Uma utopia, acabei concluindo. Mas as personagens do livro, no contexto daquele momento de vida, se expõem sem falsos pruridos, explicitamente.

### **Como selecionou os contos para o livro?**

De modo que a abrangência do feminino fosse ampla, verdadeira e sem subterfúgios. Numa só personagem, ou conto, tangencio o universo feminino em diferentes situações e conflitos.

### **Há faces da mulher que não abordou no livro, sobre as quais ainda não escreveu?**

Sim, o ser humano é algo fascinante, e a mulher, por suas características pessoais, oferece “ene” possibilidades de exploração literária. Por mais que a cantem em verso e prosa, nunca esgotarão o tema. Além disso é longeva, e tem experiências de natureza vária por um período dilatado. Daí vivenciar matizes e nuances, de permeio com o bom e o belo, que vão do engano à humilhação e ao abuso. Sujeita a preconceito e violência, muitas vezes pela “coisificação”, espanta a sua capacidade de resistência.

### **Dos matizes e nuances citados, o que faltou no *Mulher explícita*?**

Bem... Já incorporei a cleptomaníaca, a assassina, a prostituta, a mãe, a esposa. Também a sensual, a mal amada, a carente, e, bem ou mal, me coloquei no lugar da “outra” em triângulo amoroso. Um bom aprendizado foi experimentar delírios de louca... mas não tive, ainda, no conto, a sensibilidade para o mergulho na psicologia da lésbica, por exemplo, e da trans; tampouco da paraplégica, da Down ou da freira... O rol me parece infinito.



Foto: Acervo pessoal

Alciene Ribeiro

## ENTREVISTA DE ALCIENE RIBEIRO À DOUTORANDA KARINA DE FÁTIMA GOMES

### Como é o seu processo de criação de literária?

Nada organizado, previsível. Ene versões de texto manuscritas, e descartadas, até o aprove-se de estética muito pessoal. Escrevo a partir de um fato que me incomode ou extasie, tanto quanto de um sentimento que oscila entre indignação, piedade, frustração.

No meu livro, “Mulher explícita”, o conto “Noturno”, de 2019, inspirado em fato real, denuncia o assédio; “A porta de serviço é serventia da morte”, de 2004, faz referência, romanceada, à vida conjugal de um conhecido, e aos sentimentos de uma fictícia companheira extraoficial; e o “Pensar axilas”, de 2017, é fruto do olhar crítico ao consumismo: ridículo o discurso com pitada erótica, e sedução de axilas femininas, a fim de vender desodorante! Condoeu-me ver as modelos expostas em rede nacional.

Se acordo no meio da noite com uma ideia que mereça exploração, anoto. Vale o mesmo para solução adequada a frase fora do “padrão Alciene”, ou a palavra procurada, em vão, ao encaixe nota dez. O trabalho inacabado me segue ao banho, lava louça, tempera o feijão – e também o azeda. Pura balbúrdia criadora que me espanta... e vitaliza.



### Como é a relação da senhora com a linguagem, o estilo? Como é a escolha das palavras?

Brigo direto com verbos, adjetivos, artigos e companhia. Amo metáforas e economizo palavras. Ontem sobravam? Hoje apago. E procuro não grafar oito, se três traduzem a ideia: vírgulas e travessões, fortes aliados neste item. Aqui, uma caçadora inveterada de sinônimos. Vocábulo repetido no parágrafo – alarme. Frases diretas, afirmativas – texto mais vigoroso.

### Onde a senhora encontra estímulos para escrever?

No íntimo, na pressão interior. A escritora vive latente em mim desde o nascimento. É a resposta coerente com a infante inquietude por grafar coisas criadas, de criticar, protestar, de fantasiar a realidade, reinventá-la ou, de certa forma, antecipar desejos... Uma infinita criação e recriação do que já é.

Intriga-me a questão: de onde viria tudo isso senão de um dom inato, se não conheci livros na primeira infância? Ali já se imiscuia a dor-desejo de adulto que gritava a ânsia não verbalizada/entendida.

Ignorava o canal de escoamento dessa carga psíquica, e tentei, sem sucesso, o querido diário, e poesias dor de cotovelo.

### A senhora vê a sua literatura como autobiográfica?

Parafraseando René Descartes, penso, logo escrevo. Vejo, ouço e sinto, e crio a partir dessas percepções, adicionando um tanto de fantasia; algo inerente a todo(a) escritor(a), creio. Na minha obra o componente biográfico é processado com esse material, e o resultado conserva, quase sempre, mera abstração do impulso sensorial, digamos assim.

# DOIS POEMAS DE EMILY DICKINSON

TRADUÇÃO DE LUCIANA MENDONÇA

---

#19

A sepal, petal, and a thorn  
Upon a common summer's morn –  
A flask of Dew – A Bee or two –  
A Breeze – a caper in the trees –  
And I'm a Rose!

#19

*Sépala, pétala e espinho  
Em manhã qualquer de estio –  
Centelha de Orvalho – Abelha –  
Brisa fresca – a pirueta –  
E sou uma Rosa!*

#546

A To fill a Gap  
Insert the Thing that caused it –  
Block it up  
With Other – and 'twill yawn the more –  
You cannot solder an Abyss  
With Air

#546

*Preenche-se a Falha  
Com a Coisa que falta –  
Tapá-la  
Com Outra – é pior –  
Não se solda o Abismo  
Com Ar*

LUCIANA MENDONÇA

carioca, tem publicados dois livros de poesia: O nada acontece (Ibis Libris, 2004) e Abraão e as frutas (Ministério da Educação, 2006).

---

# CARLITO & NONOTA

CONTO DE REGIS GONÇALVES

---

*Tive ouro, tive gado, tive fazendas.  
Hoje sou funcionário público.  
(Carlos Drummond de Andrade)*

**L**á vai o menino a caminhar com passo curto, atento à poeira vermelho ferrosa a se acumular nas botas enquanto observa distraído o seu entorno: a rua estreita, os sobradões ensimesmados, as casinhas ingenuamente modestas, as vendas de portas semiabertas por onde espreitam os frequentadores habituais. Suas botinas novas e imaculadamente engraxadas refaziam agora o percurso familiar aos pés descalços nas repetidas ocasiões em que cumpria alguma obrigação de rua, fosse levar recados, fosse a compra urgente de gêneros no armazém de secos & molhados ou aviamentos no comércio do coronel José Batista, o maior da cidade.

Essas ocasiões apresentavam atrativo especial, pois Nonota arranjava jeito de esticar o tempo para escutar a prosa espirituosa de Nhô, filho do comerciante, rapaz da moda, inventor de charadas e versado em latim aprendido no Caraça, de quem certa vez ganhou o desenho da própria caricatura rabiscada num papel de embrulho. Pois essa era uma das muitas faceirices do talentoso Batistinha, assim também chamado por homônimo do pai, que as exercitava ociosamente, ainda solteiro à espera de noiva.

Diferentemente da rotina do dia a dia, para a excursão daquela tarde foram tomadas providências indispensáveis: banho completo, obrigação de envergar a melhor roupa – entre as poucas opções, escolheu o traje de marinheiro – e calçar as botinas novas, presente de aniversário do ano anterior. Mas antes de tudo era preciso memorizar as recomendações de tia Gabriela ouvidas enquanto se penteava, auto examinando-se no espelho de quarto da própria senhora. Eram prescrições sobre o comportamento a ser observado, que variavam da postura discreta ao sentar-se – “manter as costas retas, os joelhos unidos” - até outras conveniências igualmente importantes. “Tome a bênção aos mais velhos, só fale se alguém lhe dirigir a palavra. Proceda como rapaz de boa família que é, pois vamos visitar gente de muita cerimônia”. Finalmente, encarregou-o de transportar a tigela de louça recheada de pasteizinhos

de nata, excelência maior do caderno de receitas da quituteira.

E puseram-se a caminho. O sol tirava das pedras uma luminosidade faiscante que acabava por se colar aos pés ou à roupa como cutícula fina e aderente. Para se distrair do aperto do calçado novo e do incômodo provocado pelo volume que lhe ocupava ambas as mãos, pôs-se a contar as pedras do caminho, embebendo-se no sono rancoroso dos minérios: hematita compacta extraída do Cauê e trazida para calçamento das ruas a mando do Coronel, político e hierarca, que governava o município durante longo e profícuo mandato como presidente da Câmara.

Perseguia tia Gabriela a caminhar firme sobre o terreno pedregoso - noventa por cento de ferro nas calçadas - como se gabavam os moradores do lugar. Ela um passo à frente, sobrinha aberta numa das mãos e na outra a inseparável bolsinha de crochê. Em postura altiva, costumava inclinar a cabeça com dignidade aos encontros casuais de conhecidos - eram tão poucos àquela hora - ou para alguém que apon-tasse na janela o rosto curioso. Podia dar-se livremente a esse pequeno cerimonial enquanto o afilhado conduzia zelosamente a travessa de louça coberta por uma toalhinha bordada. Aquele volume era um tormento a mais para o rapaz que, então aos seis anos, órfão entregue aos cuidados da tia e madrinha, seria introduzido em uma das casas patricias do lugar, o que o deixava mortalmente ansioso.

Ainda percorriam a rua das Flores quando toparam com o Braz, moço rico que às suas variadas lides profissionais adotara como distração a arte da fotografia. Saía de casa munido de vasto instrumental que costumava usar para o registro de moradores e de cenas do cotidiano da cidade, sem nada ganhar com isso. O fotógrafo amador cumprimentou-os e num gesto de cortesia pediu-lhes que fizessem pose para uma fotografia. Era pessoa conhecida e de boa família, já casado com a encantadora Regina, filha do Coronel, mas, ainda assim, tia Gabriela recusou-se terminantemente a ser fotografada na via pública. “Pois então faremos o retrato do rapazinho, hoje tão elegante em sua roupa nova”. No que a madrinha assentiu, “desde que ele permita”, disse olhando em direção a

Chegaram ao sobradão  
do Largo do Rosário,  
soberba construção  
que, ombreando-se com  
a matriz ao lado, era  
facilmente reconhecível  
pelas cinco portas no  
térreo encimadas pelas  
respectivas janelas  
de onde se projetavam  
suas sacadas.

Antônio, e este sorriu concordando. Braz correu em casa e trouxe de lá um pedaço de papelão e o colocou junto à parede improvisando um fundo neutro, e assim a foto foi feita.

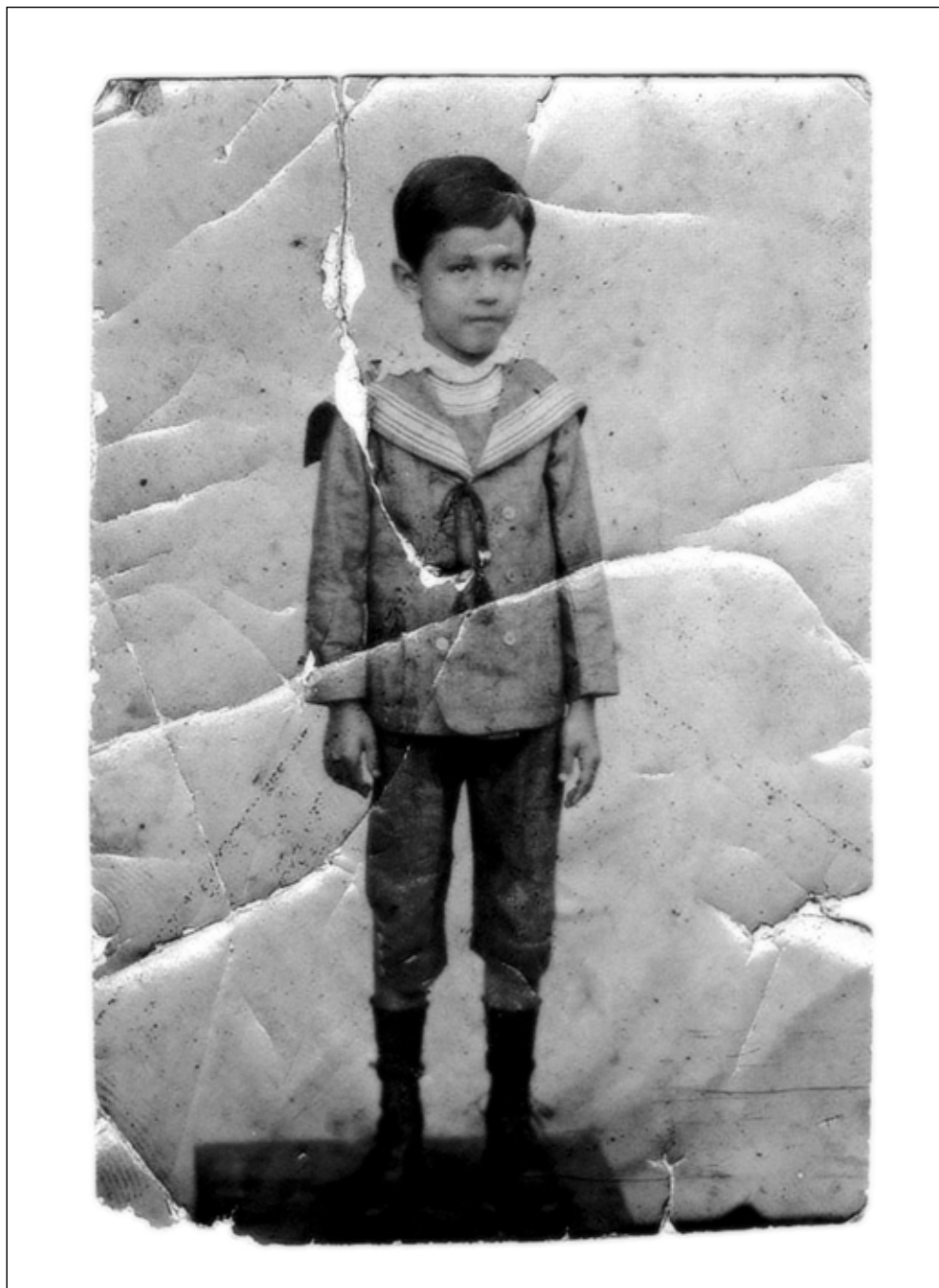
Chegaram ao sobradão do Largo do Rosário, soberba construção que, ombreando-se com a matriz ao lado, era facilmente reconhecível pelas cinco portas no térreo encimadas pelas respectivas janelas de onde se projetavam suas sacadas. Foram recebidos por uma pardinha meio vesga, aparentando seus 13 anos, que lhes indicou a escadaria a subir, em cujo topo viram a dona da casa caminhar em sua direção. Veio sorridente num vestido largo, apertado na cintura de modo a apenas insinuar-lhe o volume do corpo magro. Sim, apesar de nove partos que tivera ainda lembrava a silhueta da juventude, quando Gabriela a conhecera, colegas na escola. Conservava também quase inalterado o rosto comprido que traía a herança de antepassados escoceses. Abraçaram-se.

Após ser apresentado à senhora - “este é meu sobrinho e afilhado Antônio” - Nonota ensaiou passar-lhe a travessa. Mas quem se apresentou para recebê-la foi a vesguinha, que

imediatamente transferiu o conteúdo para travessa maior, uma porcelana decorada em azul, logo posta sobre a mesa. A senhora dirigiu seus agradecimentos à amiga pela oferta da iguaria. “Não precisava se preocupar, Gabriela. Você é sempre muito gentil, fico a lhe dever mais este agradecimento”. E desculpou-se pela ausência do marido, que “raramente descansa das preocupações com a fazenda”. Na ocasião, explicou, estava acompanhada apenas do filho menor que brincava no quarto. Mas Rosa Amélia, filha adolescente, estava para chegar a qualquer momento, tomava aulas de reforço na casa de uma amiga na rua Santana.

Assim que o acanhamento lhe permitiu levantar os olhos, o visitante deslumbrou-se com a solenidade do lugar, a pleora de coisas preciosas captadas num relance, que evocavam esplendor visto apenas na igreja: o assoalho de tábuas largas a brilhar sobre a extensão do grande aposento, o mobiliário de madeira escura onde se destacavam os dois pianos, o armário de portas de vidro em que descansavam cristais, porcelanas e faianças, o pesado relógio de pêndulo encostado à parede, tapetes, antigos oratórios devocionais e aquela mesa comprida rodeada de cadeiras de espaldar alto, já recoberta pela toalha de linho que acolhia o serviço de chá posto ali a propósito. O ambiente era solene, bonito e apesar de tudo discreto.

Rígido sobre uma cadeira de palhinha enquanto as mulheres conversavam sentadas a um canapé, ele percebeu que a criadinha passou a entrar e sair trazendo bules e cestas com quitandas. Preparou-se para levantar tão logo ouviu a ordem da dona da casa para que as visitas ocupassem seus lugares à mesa, onde estava servida uma variedade de quitandas, queijos, refrescos, doces em compota e fumegantes bules de café e chá em peças de fina porcelana inglesa. Gabriela aproveitou para elogiar a abundância. “Que exagero, Julieta, somos poucos para tanta fartura!” A dona da casa sorriu com benevolência e comandou. “Sente-se ali, ao lado de sua madrinha, Antônio”, e já estava sendo obedecida quando foram interrompidos pelo estrépito de passos em disparada e uma criança pequena irrompeu pela sala atrás de uma bola de borracha que teimava em lhe



Nonota (álbum de família)

escapar. Era um menino aparentando ter de quatro a cinco anos, mas ainda com cachos pendentes da cabeça. Pele clara e faces rosadas em que se destacavam dois olhinhos azuis “como pedras de anil no fundo de um copo com água”, pensou Antônio ao vê-lo. “Bola aqui na sala, não, meu filho, quantas vezes já lhe disse isso” – a mãe ensaiava uma voz severa, mas não escondia alguma complacência no meio sorriso que acompanhava a ordem.

Nervosa, a bola quicava pelo cômodo até estacionar junto a Nonota, que tentou prendê-la entre as pernas, pois ela ainda trepidava por força do impulso original. No afã de alcançá-la, o garoto que vinha atrás, ao perceber a manobra, armou um pontapé com que pretendia afastar a bola, mas acertou em cheio a canela do outro com o botina. Nonota gemeu baixinho e esfregou o lugar atingido exibindo um sorriso amarelado para disfarçar as lágrimas que ameaçavam brotar. “Veja o que você fez, meu filho, quase machucou a visita. Venha aqui conhecer o Antônio, depois pode até brincar com ele”. A nova intervenção da mãe

não surtiu efeito. Depois de finalmente apanhar a bola e ameaçar sair em disparada o garoto teve a atenção despertada para a mesa onde estavam servidas as quitandas do chá. Avançou sobre a tigela de pastéis – parecia preferi-los a qualquer outra iguaria – que mal podia alcançar, e a um movimento brusco de suas mãozinhas fez derramar alguns deles sobre a toalha, capturando outros com habilidade.

Deixou a sala com a boca cheia, sem atentar para a mãe que convocou então a criadinha, ordenando: “Isaltina, vá atrás dele e veja o que está arrumando lá dentro”, enquanto tentava, aliviada, se desculpar com as visitas. Tia Gabriela procurava disfarçar o assombro diante do atrevimento do filho da casa. “Não se preocupe, Julieta, criança é assim mesmo. E ele é tão bonitinho!” O que pareceu ao afilhado uma comparação que não lhe era favorável. Diferentemente dele, magricela de estatura precocemente espichada, os cabelos lisos colados à cabeça à força de brilhan-tina, o outro tinha bochechas redondas e cachos dourados que lhe caíam graciosamente sobre as orelhas. A mãe contestou, meio sorrindo. “Apesar da pouca idade já é um menino terrível. Mas descansemos dele, agora podemos comer em paz”. E cortou o bolo que foi servido em pratinhos de sobremesa, provocando o elogio de tia Gabriela assim que experimentou seu bocado. “Está mesmo uma delícia, não acha, Antônio?” A dona da casa modestamente recusou os méritos. “Artes de Efigênia, minha amiga, não sei o que seria de minha vida sem essa negra”. E retribuiu a afabilidade. “Mas foram seus pastéis de nata mereceram o maior elogio, Carlito que o diga”.

Desconcertado pelo ambiente e sem coragem para participar ativamente da conversa, Nonota atribuiu-se no entanto o direito de tirar para si mesmo algumas conclusões, especialmente sobre a cena provocada pelo menino que acabava de sair. Percebia por trás da ousadia infantil a complacência materna – ou quem sabe de toda a família – para com o filho pequeno. “Por que a mãe não ralha com ele?”, perguntou-se. Era como se aquele menino gozasse de autorização especial para comportar-se como bem quisesse. E nem mesmo era o caçula dos filhos, talvez fosse, isso sim, o preferido da casa, dos pais, irmãos e até dos empregados. Estaria sob

Os olhos azuis de Carlito faiscavam de satisfação à medida que virava as páginas e ia apontando as ilustrações. “Este é Sexta-Feira, o selvagem, único amigo de Robinson na ilha”.

a proteção indulgente das asas do progenitor, de quem levava o próprio nome? Nonota não podia negar que apesar da predisposição contra os modos estouvados havia algo surpreendente na audácia do menino que despertava nele um sentimento de admiração.

Perdia-se nessas cogitações quando reparou que o atrevido diabrete irrompera novamente na sala. Vinha agora montando um triciclo, já pequeno para ele como se via pelo esforço que lhe custava encolher as pernas para fazer girar as rodas gastas e destrambelhadas. Imprimia toda a aceleração que o veículo permitia, fazendo círculos pelo aposento, a imitar o ruído do caminhão que pouco antes estreara as ruas da cidade. Em sua fúria velocista esbarrava em cadeiras e objetos soltos, chegando a passar sem qualquer consideração – com grande susto para a mãe – sobre um couro de onça, bicho que o próprio pai havia matado e que agora jazia estendido no solo à guisa de tapete.

Pela primeira vez a dona da casa pareceu perder a paciência e convocou Isaltina com aspereza. “Leve-o daqui, não recomendei que cuidasse dele lá dentro?” Mas para surpresa de todos, ainda sentados à mesa, o infernal moleque arrefeceu o ânimo belicoso e aproximou-se. “Mamãe, eu voltei para brincar com Antônio como a senhora pediu”. E dirigindo-se ao visitante convidou numa voz amistosa. “Meu nome

é Carlito, quer brincar comigo?” As duas mulheres trocaram olhares cúmplices e Nonota, dócil, se levantou, sendo então levado pela mão do novo amigo. O quarto era grande, atulhado de brinquedos, alguns sobre o chão ao lado de roupas em desordem, outros depositados em estantes de madeira, que Nonota tocou reverentemente como a respeitar-lhes a propriedade. Via-se ainda o guarda-roupa, a cama e um criado sobre o qual descansava um lampião.

“Vou lhe mostrar uma coisa”, Carlito se adiantou e pegou um livro no criado, vindo apresentá-lo ao visitante. Era um grande volume, capa dura, que o menino logo abriu sobre o assoalho. Ajoelharam-se e antes que o anfitrião abrisse o livro Nonota pôde ler o título, impresso em grandes caracteres: *As Aventuras de Robinson Crusóe* e, em letras menores, o que lhe pareceu ser o nome do autor: Daniel Defoe. “Você já conhece o Robson?”, Carlito perguntou, abrindo-o finalmente. O texto vinha em letras graúdas, fáceis de ler, mas o que mais encantou Nonota foram os inúmeros desenhos que ilustravam quase todas as páginas. Nunca tinha visto livro assim tão bonito! “Não conheço, não”, balbuciou enquanto seus olhos devoravam as páginas que Carlito folheava à vista de ambos. Lembrou-se do único livro que possuía, uma austera edição da *Antologia Nacional*, de Fausto Barreto e Carlos de Laet, sem qualquer desenho que o tornasse mais atraente. Ganhara-o da madrinha para auxiliar no aprendizado da leitura.

Os olhos azuis de Carlito faiscavam de satisfação à medida que virava as páginas e ia apontando as ilustrações. “Este é Sexta-Feira, o selvagem, único amigo de Robinson na ilha”. No início de um dos capítulos Nonota, já dominando as primeiras letras, pediu que ele suspendesse a revoada das páginas e anunciou. “Pare um pouco, vou ler para você”. Carlito protestou. “Não é preciso, eu sei ler” e apontando o indicador provou que falava a verdade, lendo sem gaguejar o trecho assinalado:

Eu levava também a espada, presa à cintura, e meu companheiro, seu inseparável machado. Protegidos pelas árvores, chegamos a menos de quarenta metros do inimigo. Na hora, não pude contá-los todos.



Carlito (Foto Braz Martins da Costa)

E encarou então o novo amigo. “Viu como é interessante? Você ia gostar de ler tudo, mas eu ainda não acabei a história, senão podia levar emprestado”. Nonota não estava apenas surpreso, mas já se deixara seduzir pela inteligência e – por que não? – pelo fascínio que emanava daquela criaturinha de aparência frágil que antes lhe parecera um pequeno demônio, solto pela casa assobradada. Mansão que Carlito coabitava com pais, irmãos e irmãs, uma legião que ia crescendo ano a ano. Nonota, ao contrário, era menino solitário, que embora também tivesse irmãos, os tinha perdido de vista. Os mais velhos soltos pelo mundo, lutando pela vida, enquanto os menores como ele e a irmã, deixados aos cuidados das tias que puderam acolhê-los desde a morte quase simultânea dos pais.

Apesar da diferença de sorte, chegou a conjecturar a possibilidade de tornar-se amigo do menino que gozava de privilégios jamais sonhados pelo rapazinho pobre. Ele fora tão simpático ao levá-lo para o quarto e mostrar-lhe seus brinquedos e até mesmo seu precioso livro de aventuras! Quem sabe pudesse voltar àquela casa para, junto com Carlito, ler todas As aventuras de Robinson Crusóé”? O menino de cachos e olhos azuis, que falava quase sem parar, pôs-se então a mostrar ao companheiro algumas de suas outras preciosidades: um cavaliño de pau, que ele achava já estar “impróprio para a minha idade”, tijolinhos de madeira para montar, uma piorra que zoava e outros brinquedos que ia amontoando pelo chão enquanto discorria sobre cada um e revelava como os ganhara. Aproximou-se então do ouvido de Nonota para cochichar – pois



Isaltina se aproximava da porta - “No quintal eu tenho um casal de porquinhos da Índia, mas a mãe não me deixa brincar com eles, por causa da sujeira”.

Mais de uma hora havia se passado, a molequinha viera buscá-los. “Sua mãe está chamando, Carlito. E sua tia também, Antônio”. Dessa vez foi o visitante que conduziu pela mão o parceiro, o que provocou sorrisos ao entrarem na sala. As mulheres deixaram de lado o álbum de fotografias que as ocupava. “Então, ficaram amiguinhos”, apressou-se a comentar com aprovação a dona da casa. “Eu não disse, Julieta, crianças são assim, imprevisíveis. Não tive filhos, mas ajudei a criar muitos sobrinhos, como o Antônio de quem cuido agora”, reforçou a visitante. As crianças se aproximaram e passaram a examinar com curiosidade o álbum deixado no sofá. Numa das fotografias via-se a família reunida, destacando-se em primeiro plano a calva e a bigodeira do patriarca. “Este sou eu, quando tinha dois anos”, Carlito apontava em outra foto a imagem angelical de um menino, cabelos cacheados escorrendo sob a boina, postado junto a um triciclo. “Seu Braz veio aqui em casa fazer o retrato”, explicou.

Tia Gabriela voltou-se para o afilhado. “Está na hora de irmos, meu filho, o sol está se pondo, é melhor aproveitar a fresca da tarde. Já aborre-cemos muito os donos da casa”. A dona retrucou com fingida indignação. “De forma alguma,

“Quando eu cansar  
de ler, empresto  
Robson a você”, disse  
Carlito num gesto de  
despedida com sinal de  
generosidade.

Gabriela, para mim é uma alegria receber visitas. Às vezes me sinto muito sozinha, as meninas estudando, os rapazes cuidando de suas obrigações, estou cercada apenas das crianças e por conta dos afazeres domésticos. Carlos, você sabe, está sempre ocupado na roça. Ademais, foi um prazer revê-la depois de tanto tempo”. Os meninos se entreolharam adivinhando a despedida.

O relógio da sala anunciou as seis horas, no que foi quase simultaneamente acompanhado por seu vizinho da matriz, na praça ao lado. As badaladas do bronze percutido pelo sineiro Elias abafaram as do interior da casa, soando com nostalgia quase fúnebre na dourada praça do Rosário, de onde foi-se, no som, a sombra que anunciava a noite. Um silêncio obsequioso se impôs ao pequeno grupo ali reunido. Todos

se persignaram. As mulheres então se despediram e as crianças, imitando-as, trocaram uma última confiança. “Quando eu cansar de ler, empresto Robson a você”, disse Carlito num gesto de despedida com sinal de generosidade. Nonota sorriu e acompanhou a tia à escadaria que os levaria à rua.

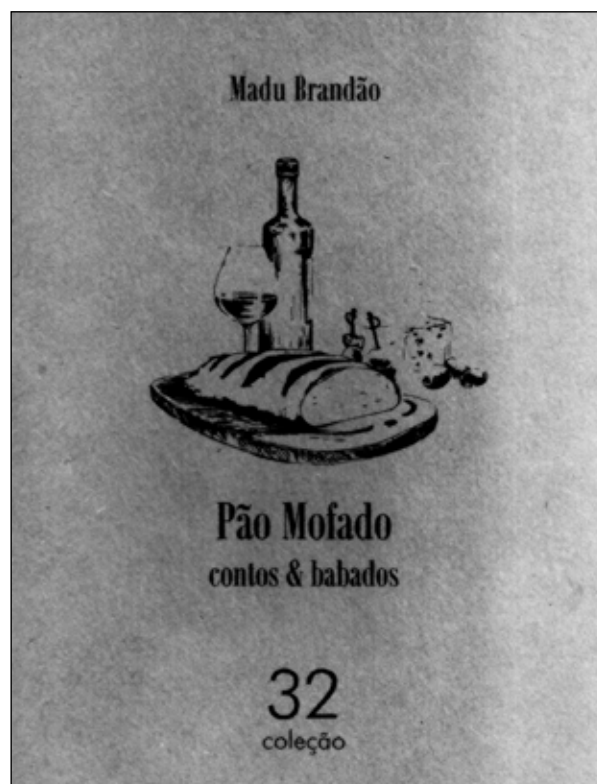
Mas a dona da casa os deteve. “Estão esquecendo”, disse, orientando Isaltina a lhes devolver a travessa dos pastéis de nata, que ela já trazia nos braços, vazia, vendo-se em seu interior apenas a toalhinha dobrada, que antes a recobria. A molequinha desceu junto às visitas para abrir-lhes a porta da rua. Nonota recebeu a travessa que deveria conduzir novamente por todo o percurso até onde moravam. No gesto de recebê-la percebeu que ali deixara de ser observada a praxe de um código não escrito, contudo ainda vigente naquela sociedade – vasilhas de prendas oferecidas em visita deveriam ser devolvidas cheias, na visita de retribuição – o que não viria a acontecer. Sentiu que ali se rompia definitivamente um vínculo, ainda que tênue, entre o sobrado ostentoso e a casa modesta ao rés do chão. A distância entre ambos, sobrado e casa, lhe pareceu então maior do que se fosse medida em metros, seria melhor imaginá-la em quilômetros, muitos quilômetros. Para Nonota, isso significava pôr de lado a esperança de rever Carlito e completar a leitura das aventuras de Robinson Crusoe.

# ENTRE PECADOS E DELÍRIOS

LINO DE ALBERGARIA

---

Com *Pão mofado: contos & babados* (Sangre Editorial, Coleção 32, 2019), Madu Brandão desfila, numa sequência de histórias curtas, as vicissitudes de uma narradora às voltas com seu corpo, a sexualidade, as perdas, o tempo e uma série crescente de perplexidades.



Desde seus primeiros contos, de que tomei conhecimento em nossa juventude, pois o destino nos colocou na mesma turma do curso de Letras, me espantava sua capacidade para escrever. Madu, filha e neta de escritores (Ildeu e João Lúcio Brandão), sempre teve uma fluidez narrativa que se desenvolve com uma surpreendente naturalidade, sem variações bruscas ou digressões longas e desnecessárias. Poucos autores têm essa facilidade comunicativa que se oferece, de imediato, à fruição dos leitores. Uma mulher que nasceu escritora, mas não publicou ou não produziu tanto, para nossa frustração.

Sua narradora, a voz que emerge de cada um dos contos, exala vitalidade em cada parágrafo, cumprindo a sina da mulher que nunca se coloca à margem e se mostra, corajosamente, como sujeito desabusado de cada um de seus papéis pela existência. Do mesmo jeito que pode ser a amante arrebatada, é mãe interessada ou sobrevivente atarantada de acontecimentos danosos contra os quais não pôde lutar.

Há momentos em que é preciso compreender o nojo diante das coisas ou seres que não gostaríamos de encontrar, desde o pão mofado à barata ou a rata (os bichos do mesmo gênero daquela que reflete sobre eles).

Ao olhar os acontecimentos de frente, aceita, com certa delicadeza e sabedoria, os seres ou objetos desagradáveis. Esse é um dos momentos que prescindem do prazer e da alegria, mas precisa ser registrado por quem atravessa suas perdas, mas, imune ao peso trágico das coisas, não se refugia no luto.



Como nos aconselhou Baudelaire, a voz que escapa dos contos de Madu Brandão mergulha na embriaguez e na poesia. Trata-se da embriaguez do corpo que goza, porque nunca nega o desejo. Já a poesia torna-se a preciosa embalagem que pode envolver tanto as minúcias despreocupadas do cotidiano quanto os flagelos que acompanham as mudanças da sorte.

A mulher por trás das dez histórias diferentes, contracenando com homens, outras mulheres, bebês, gatos, cachorros, além do disfarce de uma criatura prosaica, exhibe carnes, nervos, paixão e uma percepção da beleza persistente nas coisas, motivo para se dedicar a “uma historinha ou outra” em busca de “quem goste”.

Só que os contos desta autora, que nos confessa, na prosa de seus personagens, seu amor às palavras, não podem, em nenhuma hipótese, ser chamados de “historinhas”. Um exemplo definitivo é o inesperado desfecho do que seria a mais dramática das dez narrativas, a que se intitula “Pecado”.

“Limitou-se apenas a apreciar o semblante apaziguado daquela criatura já em outra dimensão, se tal, é claro, existisse, e o que ela pôde fazer na sequência foi levantar-se, dar uns passos até alcançar a janela que lhe descortinava o sol.

– Poxa, que lindo dia vai fazer! – pensou ela com seus botões.”

Escritora solar, Madu não foge da travessia da noite, pois tem suas táticas para ir além do odor azedo, dos refugos e do entulho das más lembranças.

## LINO DE ALBERGARIA

escritor, tradutor, editor, é autor, entre outros, do romance *Um homem delicado* (Quixote + Do, 2019).

# DOIS CASAMENTOS:

## uma celebração trágica da existência

MÁRIO ALVES COUTINHO

---

*Eu não estou atrás das certezas, eu procuro as dúvidas,  
as impossibilidades, essa espécie de  
luta corporal comigo mesmo.*

*Luiz Rosemberg Filho*

### I

Este ensaio foi escrito em 2015. Minha intenção, naquele momento, era pensar um filme soberbo, coroamento de uma obra excepcional. Mas, também, provocar o debate e o interesse por um filme que, como acontece com quase todas as obras mais inteligentes, empenhadas e sensíveis no mais alto grau, encontram uma muralha de silêncio, quando não de incompreensão, ou as duas coisas, ao mesmo tempo, quando são lançadas. E soçobram no esquecimento e na sua carreira comercial. Como os “textos muito grandes”, e sobre autores malditos, não encontram guarida nos “jornalões” da imprensa dominante, e nem tão dominante assim... (que estão se extinguindo celereamente...), este texto não foi publicado, quando o filme mais precisava...

Por isso mesmo, agora, deixei o texto, propositalmente, com todas as marcas do tempo de quando foi escrito, e até mesmo as poucas discussões que o filme suscitou (quase todas negativas) e as polêmicas que foram levantadas a seu propósito, na sua curta carreira comercial... Mas, agora, tenho um objetivo a mais: embora um ensaio sobre quase que somente um filme, metonimicamente, é um texto sobre uma obra

admirável, já que falar da parte é escrever sobre o todo. E, com este filme, mais que tudo: ele é como um resumo de toda obra do cineasta. Ousaria dizer que quase tudo que aqui escrevo, pode ser dito sobre quase toda sua obra. E, certamente, é também uma homenagem a um cineasta que, como poucos, ao realizar mais de 50 filmes (mais de 60, talvez? Ou seriam 70? É impossível fechar esta conta, ao que parece, neste momento...), ao não parar nunca de filmar, fazendo um filme depois do outro, realizou, simplesmente, o sonho de todos cineastas, e teve a “alegria do viver cinema” (como ele mesmo desejava), sempre, quase que em todas horas, minutos e segundos da sua vida adulta. Que, infelizmente, se extinguiu em maio de 2019.

### II

Um filme brasileiro recente tem despertado uma viva polêmica entre seus espectadores. Alguns (incluo-me entre estes) o consideram o melhor filme brasileiro deste século que está apenas começando; outros, que é uma fita cheia de falhas, limitações, e problemas não resolvidos. Ele é atacado, creio eu, principalmente por ser um cinema que faz questão de se excluir

da dramaturgia vencedora e quase a única realmente existente no cinema comercial brasileiro atual: o das telenovelas e o das cópias, mal resolvidas e malsucedidas, da dramaturgia do cinema e dos roteiros ditos "americanos". Este filme se chama *Dois casamentos* e foi dirigido por Luiz Rosemberg Filho, sobre o qual, é bom lembrar, Glauber Rocha escreveu (em "revolução do Cinema Novo"), que era "um revolucionário pela RAYZ".

Um acontecimento recente cristaliza todas estas contradições. Inscrito para ser exibido no Festival de Brasília, simplesmente lhe foi negada esta possibilidade. Sem explicações. Apesar de muitas pessoas de peso acharem que esta é uma obra-prima. Apesar da já longa filmografia do seu diretor, que entre curtas e longas, já realizou mais de cinquenta filmes, grande parte deles marcos reconhecidos da cinematografia brasileira. Porque tanta resistência? Este artigo tenta elucidar a razão de tamanha divergência de apreciação.

### III

Uma das argumentações contra o filme: esta seria uma obra contra os homens, onde duas mulheres numa igreja, esperando seus casamentos (os noivos finalmente não aparecem), argumentariam durante todo filme contra o sexo masculino e suas mazelas. Tudo isto agravado pelo fato de que os homens não têm direito de resposta, pois não existem personagens masculinos. Até mesmo algumas feministas pensam assim...

Não consigo perceber de que parte do filme as pessoas tiraram esta argumentação. O autor do filme é um homem que, dado o teor da obra que realizou, e das colocações que faz nela, poderia perfeitamente dizer, como Gustave Flaubert (que afirmou, textualmente, "Madame Bovary sou eu"), que "Carminha e Jandira (as duas personagens femininas da sua narrativa) sou eu". O autor de uma obra não é somente um personagem, como pensam muitos; se ele é alguma coisa, ele certamente é todos os personagens, mais tudo que é descrito naquela obra, tudo que aparece e é dito nela, como também escreveu (numa carta para sua

Mais recentemente, o cinema moderno tem radicalizado, e assumiu com todas as letras que não existe arte pura: na verdade, modernamente, todas as artes (literatura, teatro, pintura, poesia, cinema) aspiram a usar os recursos umas das outras, para melhor refletir sobre este mundo confuso e misturado em que vivemos.

amante) Gustave Flaubert. O autor é toda sua obra, completamente. Somente ela, na sua inteireza, o representa.

Mais algumas coisas poderiam ser ditas a propósito desta argumentação. Em vários momentos, quando as personagens falam de "homens", elas estão falando do "ser humano", como quando dizem que "os homens inventaram as aparências". Mas na maioria das vezes, a fala delas é direta e sem ambiguidades. Por exemplo: quando Carminha está falando de séculos e séculos de horrores, Jandira pergunta "dos homens?", Carminha responde: "não Jandira, do sistema, do dinheiro, dos poderes poderes... Viver sempre foi muito difícil. Agora é mais difícil ainda. Não existe um único culpado, mas muitos". Quando está falando da poluição, Carminha afirma com todas as letras:

"O homem, o ser humano, já se encarregou de poluir tudo". Tudo muito claro e cristalino: o sexo masculino não é o responsável (reparem que não falo em culpabilidade), em *Dois casamentos*, pelos problemas que enfrentamos; a espécie humana, sim.

### IV

Uma outra acusação que tem sido levantada contra *Dois casamentos* é que ele seria um filme teatral. Ele realmente é assumidamente, descaradamente, teatral; o que as pessoas que o acusam não conseguem perceber é que nunca existiu um cinema puro, puramente cinematográfico. O primeiro cinema usou a linguagem do circo e do café concerto; muito cedo, logo em seguida, já estava usando recursos teatrais; e o que é chamado de "narrativa clássica" não passa da criação de um homem de gênio, D. W. Griffith, que usou do romance vitoriano inglês (principalmente Charles Dickens), do século XIX, como inspiração para estabelecer a narrativa e a linguagem cinematográficas, que vigoram até hoje, no cinema americano, e muitas outras cinematografias. Portanto, o cinema sempre usou os recursos de linguagem de outras artes: teatro, literatura, pintura, música, etc. etc. Foi com estes empréstimos que ele construiu a sua própria linguagem, sem nunca abrir mão de ser um resumo de todas elas.

Mais recentemente, o cinema moderno tem radicalizado, e assumiu com todas as letras que não existe arte pura: na verdade, modernamente, todas as artes (literatura, teatro, pintura, poesia, cinema) aspiram a usar os recursos umas das outras, para melhor refletir sobre este mundo confuso e misturado em que vivemos. É o que Rosemberg realiza com *Dois casamentos*; na verdade, em toda sua obra. Portanto, ele é também magnificamente literário; seus diálogos são cadenciados como música, uma outra arte amplamente usada pelo diretor. E teatrais, convenhamos, são uma quantidade enorme de grandes diretores de cinema: entre eles, Orson Welles, Ingmar Bergman e Luchino Visconti, por exemplo. A discussão não poderia ser, portanto, se o filme é ou não teatral, mas se Rosemberg usa o teatro (e a literatura) de uma maneira



uma possível autocrítica, talvez até "mudar sua vida" ("Mudar, mudar sempre...", como diz Carminha, num diálogo com Jandira).

## VI

Como se pode ver, os diálogos do filme são brilhantes, com várias referências, escondidas ou não (por exemplo, Arthur Rimbaud). A trilha sonora, então, é de uma inventividade e beleza ímpares. Quando as personagens estão discutindo soluções e becos sem saída, ouvimos portas abrindo e se fechando. Num determinado momento, uma delas diz "ouve este silêncio". Por alguns momentos ouvimos o silêncio. Logo a seguir, sinos e uma música; depois, ruídos. O choque entre o silêncio e o volume sonoro é de uma beleza estonteante. Rosemberg, entre outras coisas, em toda sua obra, e não só neste filme, é um mestre da trilha sonora. O cinema também é som, não somente imagem...

Isto quanto à oralidade e à trilha sonora. Num filme filmado todo em estúdio, com o mínimo de cenário, a beleza dos enquadramentos chega a ser inacreditável. Rosemberg filma pedaços dos corpos das atrizes, vestimentas, adereços, joias, e compõem uma verdadeira sinfonia das imagens. Jogando com o claro e o escuro, o branco e o negro (isso num filme a cores), como o verdadeiro cinema sempre fez. Aqui ele faz do cinema uma arte plástica, que ele nunca deixou de ser.... Do nada, extrai tudo, do mínimo, o máximo, do prosaico, a poesia.... Sua câmera, como ninguém menos do que Nietzsche queria, é dançarina, sempre colada aos seus personagens, também corpos dançantes. O filme como que esculpe estes corpos, usando uma outra arte na sua estrutura, portanto: a escultura...

## VII

Foi dito que o filme é desigual, que ele dá todas as razões para um personagem só, Carminha, e que ele quase ignora a outra personagem. Qualquer autor sempre tem um protagonista, aquele que encarna mais diretamente aquilo que ele quer discutir. E existe sim uma luta por domínio entre as duas: se encarado

inteligente, inventiva e orgânica. Pois, como escreveu André Bazin, "virá talvez o tempo dos ressurgimentos, isto é, de um cinema de novo independente do romance e do teatro. Talvez, porém, porque os romances serão escritos diretamente em filmes". As peças, também, passaram a ser escritas e encenadas diretamente no cinema, diríamos nós ... A obra de Rosemberg como um todo, e em *Dois casamentos*, em particular, são exatamente este teatro e literatura cinematográficos, que Bazin tanto desejou e teorizou, muito antes deles existirem. Tudo se passaria como se o desejo de Bazin tivesse propiciado o aparecimento deste cinema...

## V

Qualquer um pode se dar conta do extremo refinamento dos diálogos e monólogos que estão nesta obra. Eu poderia citar quase todo filme; como isto tomaria muito espaço, me contentarei com algumas poucas citações. Num longo monólogo, Carminha fala da necessidade de seguir seu próprio caminho, de não aceitar o rebanho: "É preciso colocar na vida um pouco de revolta, de subjetividade, de paixão, de desobediência... É preciso saber recomeçar do zero... Recomeçar sem medo de perder e se perder..." Num outro momento, a personagem

afirma: "quero deixar viver a criança dentro de mim". Dirigindo-se ao público, ela o conecta com a ficção que ele está vivendo: "Respeitável público, nisto ela [aquí, ela está falando de Jandira] se parece com muitos de vocês. É uma mulher sem paixão, uma atriz sem personagem, um passado sem presente. Poderia se chamar Jandira [a personagem da qual ela está falando tem exatamente este nome...], Ana, Maria, Helena, Carmem, Carminha..." [dupla ironia, na verdade, autoironia, pois quem está falando se chama Carmem, Carminha...].

Aqui, várias coisas devem ser ressaltadas. Primeiro, o recurso teatral, brechtiano, de se dirigir ao espectador, mais apropriadamente, à inteligência do espectador (assim como no início do filme, quando duas mulheres vestem a atriz que vai interpretar Carminha, mais um recurso brechtiano: o ator não se veste no camarim, mas em frente do espectador). Isto denuncia o espetáculo como espetáculo, e não como uma ficção pretensamente realista. Em segundo lugar, ao se dirigir ao espectador, incluí-lo na ficção e comentar sua "semelhança" à outra personagem feminina, Rosemberg está fazendo o que é a função mais nobre de qualquer obra de arte, e que a melhor arte ocidental sempre fez: desafiar o espectador, fazê-lo pensar (e não somente emocionar-se), dar elementos a ele para

com sutileza, poderíamos até dizer que existe luta de classes neste filme: Carminha é mais assertiva, pertence a uma classe superior, e é tratada por Jandira, que é bancária, de "Dona" Carminha. Mas em vários momentos Carminha diz para Jandira: sou como você. Quase no final do filme, ela se sente como um palhaço, exatamente o sonho de Jandira. É bom não esquecermos, também, da autoironia, da autocritica de Carminha, como mostrei no final do item IV. Por último, mas não menos importante, no ato final, se amam (ver o último item).

### VIII

Algo que não pode deixar de ser dito: este é um filme extremamente irônico, que chega muito próximo da comédia, sem chegar lá, propositalmente. Um escritor desavisado (John Baxter) uma vez disse, na biografia (Buñuel, *Fourth Estate*, London, 1995) que escreveu de Luis Buñuel, que seus filmes não tinham humor, quando, na verdade, penso que toda sua obra é de um humorismo que chega a ser agressivo, de tão claro, mas também, e ao mesmo tempo, tão sutil, pois poucos riem deles.... Pois bem, penso que *Dois casamentos* é do mesmo nível e fatura, inteligente e debochado até o mais alto grau. É só pensar na sua situação dramática: duas mulheres, na mesma igreja, esperando os noivos, que nunca chegam e que no final, se amam dentro da igreja.... Uma situação surrealista acima de qualquer outra, daquelas que Dom Luis Buñuel teria se deliciado em filmar...

### IX

Alguns disseram que este é um filme pessimista, niilista até. Se tomarmos como exemplo algumas falas de Carminha, isoladamente, parece até que eles têm razão. Como, por exemplo, esta: "a realidade em si, com sua interminável miséria humana, acabaria por levar a todos ao mesmo lugar". Jandira pergunta: "Que lugar?". A resposta é definitiva: "ao fim". Outra fala de

Num filme filmado  
todo em estúdio,  
com o mínimo de  
cenário, a beleza dos  
enquadramentos chega  
a ser inacreditável.

Rosemberg filma  
pedaços dos corpos das  
atrizes, vestimentas,  
adereços, joias, e  
compõem uma verdadeira  
sinfonia das imagens.

Carminha: "não nos achamos com aptidão para a vida... O mundo é conduzido pela demência". A morte chega a ser uma presença constante. Num determinado momento, Carminha afirma: "vamos morrer aqui, Jandira. Vestidas de noiva, sem portas de saída. Abandonadas. Você não acha isso uma boa metáfora do casamento? Será que nos enterraram em vida, no mesmo caixão?" Até mesmo a desvalorização da palavra, uma arma importante do próprio filme, acontece: "a palavra já não diz mais nada". Astúcias de um cineasta verdadeiramente dialético, que sabe brincar com as palavras e com os conceitos...

Como todos grandes artistas, Luiz Rosemberg não tem uma visão rósea da vida. Mas também não é um niilista, definitivamente. Se nos dermos ao trabalho de ouvir e ver atentamente seu filme, nos daremos conta de várias e muitas afirmações da vida e do ser humano, da sua capacidade de enfrentar o mundo e suas dificuldades.

Numa passagem, Carminha afirma taxativamente "um pouco de imoralidade faz bem". Isto faz lembrar imediatamente um poema de D. H. Lawrence: "indecência pode ser saudável e benfazeja/ na verdade um pouco de indecência é necessário em toda vida/ para mantê-la saudável e proveitosa/E um pouco de putaria pode ser saudável e benfazejo". Em outras passagens, seus personagens afirmam: "o ser humano é um acontecimento primoroso"; num outro momento, "ser mulher é um acontecimento ímpar". Se levarmos em conta, então, todo o filme, e não somente parte dele, veremos que o diretor tem uma visão extremamente equilibrada: vivemos uma crise civilizatória sim, mas temos todo o equipamento necessário para enfrentá-la e resolvê-la, pelo menos em parte. Sem nos esquecermos como o filme termina: com um encontro amoroso entre as duas mulheres (que é encenado minimalisticamente, como todo filme: com a tela escura, sem imagens, somente os diálogos e os sons indicando o que está acontecendo) ... Aqui, Rosemberg é definitivamente bressoniano (Robert Bresson afirmava que se uma sequência podia ser sugerida somente pelo som, a imagem seria um pleonasma...). Durante todo o filme, os corpos dançantes das duas mulheres lembram insistentemente um poema do poeta grego Kostantinos Kaváfis, "Lembra, corpo": "Lembra, corpo/, não só o quanto foste amado/ não só os leitos onde repousaste/ mas também os desejos que brilharam/ por ti em outros olhos, claramente/ e que tornaram a voz trêmula/ e como brilhavam/ lembra, nos olhos que te olhavam/ e como por ti na voz tremiam, lembra, corpo". E como escreveram (e cantaram) dois grandes poetas da música popular brasileira, Milton Nascimento e Caetano Veloso, "qualquer maneira de amor vale a pena/ qualquer tipo de amor vale amar/qualquer maneira de amor valerá/ qualquer maneira de amor vale o canto/ qualquer maneira me vale cantar"...

O "canto" de Luiz Rosemberg Filho, *Dois casamentos*, é, definitivamente, uma celebração trágica da existência.

# QUINTO HORÁCIO FLACO (65 A.C. - 8 A.C.)

TRADUÇÃO DE RODRIGO GARCIA LOPES

---

## 1,1

Nem queira saber, pecado saber, Leuconoê,  
que fim os deuses nos reservam, nem consulte horóscopos  
babilônicos: Melhor topar o que vier, quer Júpiter  
nos brinde com muitos invernos ou este agora  
que castiga o mar etrusco e seus penhascos:  
sábia, decante o vinho, corte a esperança longa  
neste curto espaço. Enquanto conversamos, o tempo  
foge de inveja: curta o hoje, não bote fé no amanhã.

## 1,1

*Tu ne quaesieris, scire nefas, quem mihi, quem tibi  
finem di dederint, Leuconoe, nec Babylonios  
temptaris numeros. ut melius, quidquid erit, pati.  
seu pluris hiemes seu tribuit Iuppiter ultimam,  
quae nunc oppositis debilitat pumicibus mare  
Tyrrhenum: sapias, vina liques, et spatio brevi  
spem longam reseces. dum loquimur, fugerit invida  
aetas: carpe diem quam minimum credula postero.*

RODRIGO GARCIA LOPES

paranaense de Londrina, é poeta, compositor, romancista, jornalista e tradutor (Walt Whitman, Sylvia Plath, Arthur Rimbaud, Laura Riding, *The Seafarer*, entre outros).

---